CONFERÊNCIA INTERNACIONAL

CONNECTING CREATIVE ECOSYSTEMS

ÉVORA • TEATRO GARCIA DE RESENDE • 7/8 JUN 2017

SÍNTESE DO PROGRAMA E DAS INTERVENÇÕES

CREATIVE
EVORA

ÍNDICE

4 Programa

6 Preâmbulo

7 Oradores

8 Sessão de Abertura

11 Política Cultural

20 Programação e Gestão Cultural

26 Iniciativas Municipais

31 Ecossistema Criativo

41 Dinâmicas de Rede

47 Plataformas Artísticas

54 Encerramento da Conferência

56 Compromisso Cultural Alentejo Central

59 Notas

FICHA TÉCNICA

Edição: CIMAC – Comunidade Intermunicipal do Alentejo Central

Título: Conferência Internacional Connecting Creative Ecosystems. Síntese do Programa e das Intervenções

Direção: Hortênsia Menino

Coordenação: Teresa Batista

Textos: Ana Isa Coelho; Miguel Correia Pedro

Fotografia: Andreia Lagartixo

Conceção gráfica e paginação: Hora das Palavras

Revisão de textos: CIMAC – Comunidade Intermunicipal do Alentejo Central; Hora das Palavras

ISBN: 978-989-95985-4-6

Data e edição: outubro 2017

PROGRAMA

7 JUNHO

08h30 RECEÇÃO AOS PARTICIPANTES

Inscrições e welcome coffee

09h30 SESSÃO DE ABERTURA

Carlos Pinto de Sá – Presidente CM Évora
Hortênsia Menino – Presidente CI da CIMAC
Ceia da Silva – Presidente da ERT Alentejo e Ribatejo
Ana Paula Amendoeira – Diretora Regional de Cultura do Alentejo, em representação de Miguel Honrado Secretário de Estado da Cultura

10h00 POLÍTICA CULTURAL

Diferenciação, integração e afirmação. Elementos para uma diversidade cultural no espaço europeu

Ivor Davies Consultor / investigador independente em política cultural internacional

Do "objeto cultural" aos processos criativos na era da digitalização e globalização

Clara Bertrand Cabral Comissão Nacional da UNESCO
António Guerreiro Jornalista

11h10 Pausa para café

Inês Almeida Arquiteta
Koen Snoeckx Consultor estratégico e Coordenador de Projeto, Baltan Laboratories e Creative Ring

Moderador
Ana Paula Amendoeira – Diretora Regional da Cultura do Alentejo

Debate

13h00 **ALMOÇO BUFFET**

14h30 PROGRAMAÇÃO E GESTÃO CULTURAL

Sessão paralela 1

Artemrede Marta Martins – Diretora Executiva
Fundação Calouste Gulbenkian Susana Gomes da Silva – Coordenadora da Equipa Educativa
BJCEM – International Network Federica Candelaresi – Secretária Geral

Moderador
Jerónimo Loios – Presidente da Assembleia Intermunicipal da CIMAC

Debate

14h30 INICIATIVAS MUNICIPAIS

Sessão paralela 2

Oliva Creative Factory Carla Relva – Técnica Superior
Casa da Cultura Ana José Carvalho – Chefe da divisão da cultura
Loulé Criativo Carita Santos – Responsável da comunicação e divulgação

Moderador
Eduardo Luciano – Vereador da CM de Évora

Debate

16h00 **PAUSA PARA CAFÉ**

16h30 **ESPAÇOS DE NETWORK**
EVENTO CULTURAL

8 JUNHO

09h30 ECOSSISTEMA CRIATIVO

Dinâmica participativa

Organizado pelo Grupo de Trabalho para a Cultura da CIMAC

Da noção de ecossistema criativo às dinâmicas regionais e transnacionais

António Pinto Ribeiro Coordenador do Programa Capital Ibero-Americana da Cultura

Interligar contextos de alta e baixa densidade. Condicionantes e potencialidades

Enrique Glockner Perito em Cidades Criativas
Rui Horta Coreógrafo

11h10 Pausa para café

Paolo Costa Sociólogo, Prof. Escola de Arquitetura da Universidade de Florença
Tiago Mota Saraiva Arquiteto, Ateliermob

Moderador
Maria do Céu Ramos – Secretária Geral da FEA

Debate

13h00 **ALMOÇO BUFFET**

14h30 DINÂMICAS DE REDE

Sessão paralela 3

FIBICC – Fundação Ibero-Americana para as indústrias culturais e criativas
Santiago Arroyo – Presidente
Racine – Assoc. pour le dévelopepment culturel au Maroc et en Afrique
Aadel Essaadani – Coordenador Geral
IETM – Cultural Network
Elena Di Federico – Gestora de Projeto

Moderador
Luís Tojo – Vereador da Câmara Municipal de Portel

Debate

14h30 PLATAFORMAS ARTÍSTICAS

Sessão paralela 4

AMI – Aide aux Musiques Innovatrices
Elodie Le Breut – Diretora Executiva
Oficinas do Convento Tiago Fróis – Diretor
Hallarna – Norrköping Creative Area
Pelle Filipsson – Diretor

Moderador
Ana Duarte – Presidente da Assembleia Municipal de Reguengos de Monsaraz

Debate

14h30 GESTÃO MUSICAL, CIDADE E ECONOMIA CRIATIVA

(organizada em colaboração com o EXIB Música)

Sessão paralela 5

Programa de Cidades Piloto da Agenda 21
Enrique Glockner – Perito em Cidades Criativas
Secretaria da Cultura da Cidade de Santa Fé Eduardo Bavorovsky – Músico e Gestor Cultural
Câmara Municipal de Évora
Eduardo Luciano – Vereador da Cultura

Moderador
Adriana Pedret – Gestora Cultural / Curadora Musical

Debate

16h00 **PAUSA PARA CAFÉ**

16h30 PLATAFORMA CRIATIVA DO ALENTEJO CENTRAL

CIMAC – Comunidade Intermunicipal do Alentejo Central

COMPROMISSO CULTURAL ALENTEJO CENTRAL

Para uma estratégia política para a cultura e um "Ecossistema" promotor da criação cultural no Alentejo Central

Hortênsia Menino – Presidente CI da CIMAC

17h30 **VISITA ÀS OFICINAS DO CONVENTO DE MONTEMOR-O-NOVO**

19h00 **JANTAR**

PREÂMBULO

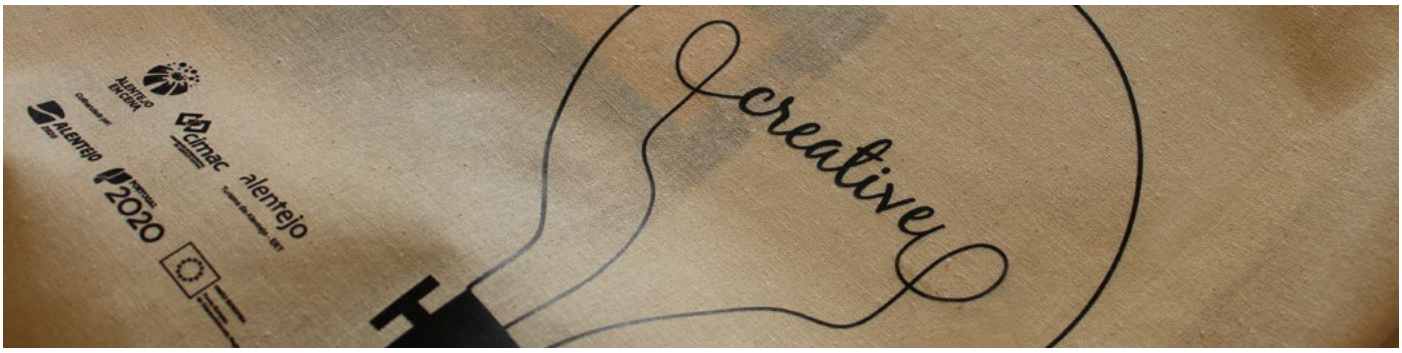
A CIMAC – Comunidade Intermunicipal do Alentejo Central, através da iniciativa "Alentejo em Cena", organizou a Conferência Internacional "**Connecting Creative Ecosystems**", no Teatro Garcia de Resende, em Évora, nos dias 7 e 8 de Junho de 2017. Esta é uma iniciativa enquadrada no projeto "**Valorização, promoção e desenvolvimento do património histórico e cultural de Évora e da região envolvente**", cofinanciado pelo PO Alentejo 2020.

Esta Conferência teve, por um lado, como fundamento de base o desafio ao setor cultural e criativo e decisores políticos do Alentejo Central para discutir aberta e informalmente terminologias (incluindo a da própria conferência), conceitos e práticas associadas ao fenómeno contemporâneo das indústrias culturais e criativas, aproximando contextos e escalas territoriais distintos numa atmosfera de abertura ao país e ao mundo. Por outro lado, constituiu uma oportunidade para troca de experiências entre vários modelos de produção, criação, gestão e programação cultural aos níveis regional, nacional e internacional, também como mote para promover a discussão e reflexão críticas e encontrar soluções que poderão ir ao encontro das especificidades dos agentes culturais e decisores políticos do território promovendo a sua ligação.

Durante os dias da Conferência, a organização procurou igualmente apresentar alguns momentos musicais com propostas da região, nomeadamente o Trio "Outros Fados", o grupo "Tubando" e o grupo "Seven Dixie", aos quais gostaríamos de deixar um agradecimento muito especial pela participação e qualidade dos projetos.

As sínteses que agora apresentamos pretendem apenas ilustrar a qualidade e diversidade das ideias e posições em discussão assim como deixar algumas notas para reflexão futura.

A CIMAC reafirma o seu compromisso com o desafio de contribuir para que a cultura e as artes se constituam de facto, e não apenas no papel, como um motor de desenvolvimento estratégico desta região. Trabalharemos, com os municípios, pela cultura e pelas artes como elementos de afirmação de uma região diferenciadora e integradora, mas não de forma isolada antes colaborativa e cooperante com o País, a Europa e o Mundo.



ORADORES

Aadel Essaadani

Carla Relva

Ana José Carvalho

António Guerreiro

António Pinto Ribeiro

Carita Santos

Clara Bertrand Cabral

Eduardo Bavorovsky

Eduardo Luciano

Elena Di Federico

Elodie Le Breut

Enrique Glockner

Federica Candelaresi

Hortênsia Menino

Inês Almeida

Ivor Davis

Koen Snoeckx

Marta Martins

Paolo Costa

Pelle Filipsson

Rui Horta

Santiago Arroyo

Susana Gomes da Silva

Tiago Fróis

Tiago Mota Saraiva

SESSÃO DE ABERTURA

A presidente da CIMAC, Hortênsia Menino, deu início à sessão referindo a importância do debate construtivo no cruzamento de diversas disciplinas, não só das artes performativas e visuais mas também do conhecimento, direcionados para as especificidades dos lugares de baixa densidade embora de visão bem mais abrangente e numa linha internacional. Colocando ênfase no potencial e nas condicionantes existentes nas relações de cooperação regionais e institucionais a diferentes escalas e contextos, considerou como elementos essenciais em discussão a diferenciação, a integração e afirmação da diversidade cultural nos contextos regional, nacional e europeu. No seguimento, Carlos Pinto de Sá, Presidente do Município de Évora afirmou que "hoje, num mundo em que se tende a uniformizar tudo e mais alguma coisa, incluindo a tentativa de uniformização do pensamento, a cultura tem um papel absolutamente decisivo e determinante para marcar a diferenciação das culturas e das identidades dos territórios e das populações desses territórios" (Carlos Pinto de Sá, Presidente do Município de Évora).

Nesta linha de raciocínio, a cultura deve ser entendida como uma componente estratégica colocada no mesmo patamar da economia ou do ambiente, o que implica uma mudança de paradigma para as políticas nacionais e regionais, no seu contributo para a construção do futuro e o desenvolvimento das sociedades. Deste paradigma dependem questões como a autonomia e a sustentabilidade de todo um setor que "tem de

"É fundamental defender a diferenciação, integração e a afirmação da diversidade cultural."

Hortênsia Menino

> **“A cultura é uma oportunidade para o desenvolvimento, para a sustentabilidade e para cooperação, promovendo mudanças que aproximam os cidadãos dos artistas.”**
>
> *Miguel Honrado*

ser forte, ter autonomia e capacidade para gerir um território onde o património e a cultura são decisivos para tudo” (Ceia da Silva, Presidente da ERT – Alentejo), inclusive para o turismo e para a economia.

De acordo com Miguel Honrado (Secretário de Estado da Cultura) , representado na Conferência pela Diretora Regional de Cultura, Ana Paula Amendoeira, “Portugal tem hoje um conjunto de exemplos que provam a transversalidade efetiva da cultura nos domínios da criatividade, da inovação das indústrias culturais, da educação, ciência, turismo, ambiente e economia. São exemplos que nos permitem afirmar que a cultura é uma oportunidade para o desenvolvimento, para a sustentabilidade e para cooperação, promovendo mudanças que aproximam os cidadãos dos artistas. São exemplos que contribuem para uma identidade territorial fundamental para a afirmação das diferenças e das singularidades e que responsabilizam os decisores políticos na prossecução de medidas e de estratégias cada vez mais atentas aos desafios que nos são lançados por um quotidiano que recusa ser definido de forma limitada. Para este Ministério, o trabalho em rede e o potencial de colaborações formais e informais que a partir delas se possam estabelecer é fundamental para uma oferta mais diversificada, mais atenta aos diferentes públicos e também mais responsável no modo como acompanha as evoluções dos contextos de apresentação.” Portugal, diz ainda, “está a passar por uma fase de entusiasmo, interesses e novas oportunidades estão a surgir. Convosco queremos, agora, saber como podemos ser parte das vossas escolhas e torna-las parte do nosso dia a dia.”

7 JUNHO
POLÍTICA CULTURAL

Temas chave:

- Diferenciação, integração e afirmação. Elementos para uma diversidade cultural no espaço europeu
- Do "objeto cultural" aos processos criativos na era da digitalização e globalização

É indissociável a ligação entre atividade cultural e política cultural. Este painel procura trazer contributos relevantes para a discussão em torno de questões como a diversidade cultural, a identidade e a diferenciação, os processos criativos, os contextos de produção e criação num mundo globalizado e (des) materializado.

No âmbito deste painel, realizaram-se ainda 2 sessões paralelas:

Sessão paralela 1: Programação e Gestão Cultural
Apresentação e discussão em torno de boas práticas, nacionais e internacionais, que cruzam o mundo da programação e gestão cultural e do serviço educativo em todas as dimensões do setor cultural e criativo, das artes performativas às visuais, passando também pelos media (cinema).

Sessão paralela 2: Iniciativas Municipais
Apresentação e discussão de boas práticas desenvolvidas por municípios portugueses em torno da promoção da cultura e criatividade locais, da economia e do turismo criativo.

PAINEL

POLÍTICA CULTURAL

Ivor Davies deu início à discussão com o que afirmou ser um discurso geral sobre as fundações científicas e metafóricas do que são ecossistemas, as suas redes e interconexões. Começa por definir os principais conceitos temáticos que procuram enquadrar a sua intervenção (diferenciação, integração e afirmação), afirmando que, ao explicar estas ações ou processos, no geral, estamos a desenhar distinções, escalas, lugares, constituindo ligações e, talvez, direcionando o nosso raciocínio. Procurou falar-nos sobre o que são ecossistemas, como operam, a sua relevância, forças, limitações enquanto paradigma para o setor cultural. O que pode isto significar para nós enquanto atores neste setor, na Europa, enquanto traçamos distinções, construímos conexões e direcionamos os nossos raciocínios, pergunta, e estabelece esta ligação a partir do conceito de diversidade cultural (art.º I da Declaração da UNESCO).

Afirma observar um estranho fenómeno em crescimento na Europa, particularmente visível nesta conferência: um desejo comum em explorar e compreender as histórias dos outros. Uma tendência para uma crescente interdisciplinaridade e uma busca por paradigmas, novos ou existentes, que confiram sentido e espaço para um pensamento renovado num mundo inquietante e ameaçador à nossa volta.

Para além das noções científicas (comunidade biológica) ou metafóricas (redes ou sistemas interconectados) do paradigma de ecossistema, as suas diferentes noções poderão ajudar-nos a

“Não existem partes, apenas modos de ver as coisas como partes.”

Ivor Davies

“uma compreensão mais profunda da cultura pode ser alcançada aplicando as múltiplas perspectivas que uma abordagem ecológica obriga”

Ivor Davies

“como atores culturais na esfera pública, temos uma responsabilidade, não apenas virada para as nossas práticas especializadas, mas também na procura de uma melhor compreensão da sua relação com um contexto mais abrangente”

Ivor Davies

compreender como a cultura se relaciona num mundo complexo e com implicações a questões fundamentais como a sustentabilidade, regeneração e resiliência. O seu meio é diverso e interdisciplinar e obriga-nos a ver as nossas práticas culturais e politicas como parte de uma ecologia mais ampla e profunda de movimentos políticos, económicos e sociais interconectados.

Emerge daqui um quadro de complexidade que torna cada parte do mundo da cultura demasiado redutora e atomizada. Como Ivor refere “não existem partes, apenas modos de ver as coisas como partes” e as conexões, simbioses, *feedback loops*, movimentos de pessoas, produtos, ideias e dinheiro são tão dinâmicas e intensas para provocar uma descrição completa per si. Todavia, diz, “uma compreensão mais profunda da cultura pode ser alcançada aplicando as múltiplas perspetivas que uma abordagem ecológica obriga”. Dá como exemplos, onde a cultura atua dentro e não fora do sistema, a *Urban Agenda* (Nações Unidas) e a UCLG (Rede Global de cidades e Governos locais e Regionais).

O Paradigma do Ecossistema em discussão ao longo destes 2 dias, segundo Ivor, poderá fornecer uma fundação coerente para a exploração da diversidade, das conexões e interdependências e construir visões e argumentos mais complexos. Neste contexto, o orador deixa as seguintes interrogações:

- Estamos a falar num ecossistema estabelecido e diversificado no qual a cultura tem um papel predeterminado? Ou
- Estamos antes preocupados com o papel que a cultura pode ter na descoberta de novas interdependências e cadeias de conexão?

Alinhado com o Paradigma de Ecossistema, Ivor, propõe ainda a reflexão em torno de um importante fenómeno contemporâneo, o Paradigma de Rede (*Network Paradigm*), não tão direcional ou causal, mas como um veículo para juntar cadeias de interesses horizontais, diversidade e debate. Aqui refere que, "como atores culturais na esfera pública, temos uma responsabilidade, não apenas virada para as nossas práticas especializadas, mas também na procura de uma melhor compreensão da sua relação com um contexto mais abrangente". Neste contexto, a rede (*networking*) pode ser um importante veículo para cruzarmos práticas e pensamento entre os vários campos, áreas ou setores.
Conclui com o conceito de *Archipelago*, enquanto paradigma, como metáfora para a interdisciplinaridade.

No 1º painel de debate "Do "objeto cultural" aos processos criativos na era da digitalização e globalização", **Clara Bertrand Cabral**, procura, no âmbito da atuação da UNESCO, dar uma visão abrangente da cultura, assente na lógica dos ecossistemas, como sistema interligado de partes, através dos exemplos da sua Convenção de 2005 e da Rede de Cidades Criativas.

A UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, tem como objetivo a construção da paz nas mentes dos homens e mulheres e fá-lo, através da promoção do diálogo entre as nações, proporcionando o diálogo intercultural através da educação, da cultura e da ciência, tendo sempre presente na sua atuação os objetivos do desenvolvimento sustentável.

"A liberdade dos artistas é um pilar para a liberdade de expressão e a democracia."

Clara Bertrand Cabral

"A liberdade dos artistas é um pilar para a liberdade de expressão e a democracia", expressão que a oradora utiliza para apresentar a Convenção da UNESCO de 2005 sobre a Proteção e a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, como o 1º instrumento internacional que reconhece a dupla natureza económica e cultural dos bens e dos serviços culturais que se encontram no âmago das economias criativas mundiais. Neste âmbito, a cultura deve estar atualizada de acordo com as novas exigências que são colocadas às sociedades atuais, devendo, também, ser melhorado o fluxo dos bens e serviços culturais.

Num outro sentido, Clara Cabral refere que a cultura será uma chave para o desenvolvimento sustentável, podendo ajudar no equilíbrio entre géneros, sendo igualmente necessário assegurar a liberdade de expressão criativa.

O objetivo primordial da Convenção é o fortalecimento dos elos inseparáveis da mesma cadeia, a saber: criação, produção, distribuição/difusão, acesso e fruição das expressões culturais veiculadas pelas atividades, bens e serviços culturais – nomeadamente nos países em desenvolvimento.
Clara Bertrand reforçou ainda a importância económica da cultura, através do valor económico gerado pela atividade, como fonte de rendimento económico também nos países em desenvolvimento, pela importância do comércio global dos bens e serviços culturais e do (des) equilíbrio de género.
A cultura como sistema interligado de partes, assume também, para a UNESCO, a forma de Rede de Cidades Criativas, que visa desenvolver a cooperação internacional entre cidades e incentivando-as a estabelecer parcerias em prol do desenvolvimento em sintonia com as prioridades globais da UNESCO "cultura e desenvolvimento" e "desenvolvimento sustentável".

"As estratégias da política cultural promoveram uma conceção dilatada do significado da palavra cultura."

António Guerreiro

António Guerreiro, traz para a discussão aquilo que considera serem algumas das transformações da política cultural que ocorreram nas últimas décadas, que vieram alterar quer as suas estratégias quer os seus objetos. Começa por considerar que a política cultural era entendida como um conjunto de mecanismos da governação política para a defesa e a promoção da cultura, questionando o que é que, afinal, na cultura precisa de ser defendido. Isto numa altura em que se discutia se a cultura seria ou não uma mercadoria, e qual a diferença da mercadoria cultural relativamente às outras mercadorias.

Nesta fase, as estratégias da política cultural promoveram uma conceção dilatada do significado da palavra cultura, tornando-se em qualquer coisa de indefinido no sentido em que podia abarcar quase tudo. Um dos efeitos desta plasticidade do termo cultura equivale a considerar, paradoxalmente, que "quando tudo é cultura, no fundo, nada é cultura". Um outro efeito desta noção alargada de cultura veio colocar o problema da cultura como consenso, ou seja, a política cultural tendia a fazer da cultura algo que apaziguava as tensões políticas, que são do domínio do conflito e não do consenso, perdendo aquilo que se poderia chamar de elemento crítico. Esta dilatação e instrumentalização política da cultura, consentânea com a despolitização das sociedades contemporâneas, ocorre simultaneamente num período em que se assiste a um princípio de patrimonialização muito forte e que tinha sobretudo uma preocupação com a memória histórica, ou seja, a cultura entendida como um domínio quase exclusivamente ocupado com as questões do património. A cultura seria aquilo que promovia o consenso, o que estava culturalizado era o que tinha já entrado no senso comum enquanto apenas a arte introduzia um elemento de resistência e critica. Neste contexto, a cultura era, por definição, algo não só consensual mas acrítico.

> **"Porque é que a cultura, enquanto fator fundamental da economia do turismo, precisa desse processo de investimento de valor que torna as coisas enriquecidas, no sentido em que se fala do metal enriquecido?"**
>
> *António Guerreiro*

Outras das transformações ocorridas, segundo Antonio Guerreiro, tem que ver com a noção de enriquecimento. Se anteriormente a política cultural colocava o problema da cultura ao serviço de estratégias políticas, a partir daqui o problema da cultura é o da sua captura pela esfera económica. Significa que se trata da passagem de uma economia industrial, que incide no aumento da capacidade produtiva de objetos standardizados, para uma economia do enriquecimento inteiramente voltada para o luxo e para as operações de enriquecimento das coisas existentes injetando ou investindo um novo valor. Aqui questiona: porque é que a cultura, enquanto fator fundamental da economia do turismo, precisa desse processo de investimento de valor que torna as coisas enriquecidas, no sentido em que se fala do metal enriquecido? E responde: porque é necessário criar um valor especulativo, que

> **“O interesse do turismo pela cultura é o interesse por uma cultura patrimonializada.”**
>
> *António Guerreiro*

não é propriamente o valor de uso das coisas. Esse valor especulativo como algo passível de grande potencialidade económica é, hoje, injetado em todas as coisas, do património cultural ao património natural.

De acordo com António Guerreiro este discurso eleva a uma espécie de caricatura uma certa conceção de cultura enquanto algo completamente subtraído ao uso. As coisas servem aqui para a exposição, para a contemplação mas não para o uso. A cultura é aqui algo desde sempre feito (pré-existente) e que não tem nada a que ver com aquilo que está a ser feito, produzido, no momento. Trata-se de uma economia do enriquecimento que não produz, antes injeta valor naquilo que já foi produzido anteriormente, relevando para um certo niilismo cultural e correndo-se aqui o risco de confundirmos cultura com economia.

Este é, portanto, o processo através do qual a patrimonialização procede, hoje. O interesse do turismo pela cultura é o interesse por uma cultura patrimonializada, em que as coisas são subtraídas ao seu uso passando a ter um valor de exposição. Este é um processo que encerra um enorme potencial acrítico mas que pode, de certo modo ser contrariado através da cultura que está a ser produzida no momento e não aquela que serve para ser exposta, como a que o turismo promove.

Diz ser assustador todos os discursos de boa consciência em relação ao que se passa neste campo sem que sobre isso se tenha algum tipo de espírito crítico. Trata-se de saber qual o discurso que devemos produzir em relação a esta realidade, como trabalho cultural da maior importância e do qual não devemos abdicar.

Numa diferente perspetiva, **Inês Almeida** apresenta abordagens participativas cujo objetivo é o de desencadear processos de pensamento criativo na geração de visões urbanas com recurso a instrumentos da arquitetura ou que a mesma pode ajudar a gerar como suporte à decisão e à construção de melhores politicas em diferentes áreas (urbanismo, turismo, informação/comunicação, arte, …).
Do ponto de vista do urbanismo esta abordagem permite criar ferramentas de mapeamento para melhor compreender a realidade à nossa volta, sensibilizando para o pensamento criativo no sentido de revelar possíveis resultados e não apenas soluções fixas. Esta metodologia permite questionar temporal e espacialmente a pertinência dos programas/projetos existentes, daqueles que poderão surgir bem como das paisagens, locais e todo o tipo de estruturas existentes permitindo identificar com clareza pontos de partida para a intervenção. O pensamento criativo e participado pode, igualmente, ajudar nos desafios da gentrificação por via do turismo com o objetivo de manter comunidades vivas e a sua autenticidade (turismo sustentável) ao mesmo tempo que desenvolve colaborações operativas juntando políticos, associações, universidades e cidadãos com novas leituras sobre os assuntos. Este exercício de desenho urbano procura capturar o sentido dos lugares e das oportunidades que podem revelar-se neles através do cruzamento de mapas mentais, recolha e

compreensão das histórias de habitantes e visitantes ligando os diversos atores urbanos para despoletar o processamento de oportunidades ou possibilidades para novas ações, papeis, funções e negócios. Para o processamento de informação e definição de uma visão de futuro para o território, este tipo de metodologias permite, também, sincronizar stakeholders e recursos disponíveis na definição de qualidades do/para o mesmo, na sua visualização despoletando o diálogo e a discussão. Em suma, o exercício de pensamento criativo participado, segundo Inês Almeida, permite clarificar os desafios e juntar os diferentes interesses individuais numa visão coletiva e numa apropriação partilhada do direito à cidade como forma de gerar compromisso e ativar respostas.

No final do primeiro painel **Koen Snoeckx** introduz-nos algumas leituras exploratórias sobre arte e tecnologia apresentando alguns exemplos começando por questionar: o que acontece quando nos encontramos (física e corporalmente) e onde a tecnologia é introduzida no processo? Interrogando-se sobre o papel dos cientistas e dos artistas neste cruzamento e no modo como relacionamos os dados científicos (por exemplo, da análise da atividade mental) com os contextos sociais de origem?

Pertencendo a uma de muitas redes internacionais que procuram ligar as indústrias criativas com os criativos das indústrias, designada de Creative Ring (Ecossistema experimental de suporte tecnológico),

“O exercício de pensamento criativo participado, permite clarificar os desafios e juntar os diferentes interesses individuais numa visão coletiva.”

Inês Almeida

> **“Tudo se resume às pessoas e raramente se consegue realizar algo adequado e relevante sem o encontro físico.”**
>
> *Koen Snoeckx*

refere que, apesar de sermos bastante capazes de mapear ecossistemas e apesar das ferramentas de colaboração que existem, no fundo, neste contexto internacional tudo se resume às pessoas e raramente se consegue realizar algo adequado e relevante sem o encontro físico.

Na sua prática procura construir o que designa de comunidade criativa de colisores (*creative community coliders*) utilizando como metáfora o colisor de partículas CERN na Suíça. Considera que artistas, designers, tecnólogos, políticos, todos são criativos e avançam a grande velocidade nos seus próprios campos. Acredita que por colisões se pode fazer a diferença. Questiona-se sobre como se criam comunidades criativas de colisores com tantas “ilhas” de especialidades como a academia, os museus, os festivais, os governos, as agências de desenvolvimento regional, as indústrias, etc.

Partindo de vários exemplos de encontros entre diferentes especialidades, considera que existe um número de elementos recorrente que possibilitam a criação de contextos de encontro. Chama a isto acaso organizado (*organized serendipity*) que permite criar contextos onde mais pessoas de diferentes especialidades se possam encontrar. Entre outros exemplos semelhantes que encontra pela Europa, percepiona aqui um padrão fractal cujo objetivo, seja ao nível individual, organizacional, regional ou internacional, se resume a construir contextos onde as pessoas que normalmente não se encontram possam encontrar-se e colaborar.

Observa a importância de uma definição abrangente da noção de valor, julgando ainda que tem havido demasiado pensamento unilateral como forma de avançar, isto porque nos esquemas tradicionais de inovação, planeamento e estratégia o que está no centro são a tecnologia, o mercado, os governos. Aparentemente, diz, parece existir apenas uma via valiosa, tornar-se uma start-up, acelerar o mais rápido possível e estar em Silicon Valey em frente a capitalistas de risco. Tem sido demonstrado que existe um valor mais amplo para ser demonstrado, pois existe igual valor em projetos comunitários, em exibições de arte, em start-up sociais, etc.
Neste contexto, este tipo de comunidades criativas de colisores podem ser de qualquer tipo, redirecionando todos estes mecanismos colocando-se onde verdadeiramente querem estar. Por isso, na Creative Ring criaram uma alternativa ao acelerador de start-ups a que designaram de caixa de velocidades.

Esta caixa de velocidades não nos acelera necessariamente, antes, coloca-nos na mudança correta face à meta/objetivo ou velocidade que queremos alcançar ou onde conseguimos posicionarmo-nos melhor com aquilo que fazemos.

“Extrapolamos muito a partir da cultura de Silicon Valey e esquecemos a perspetiva social e cultural europeia.”

Koen Snoeckx

Para Koen existe ainda a necessidade de uma nova ética de trabalho. Existem muitas iniciativas de setores do design a alcançar a tecnologia como da indústria e da tecnologia a alcançar o setor das indústrias culturais e criativas. Mas, para que, de facto, existam progressos é necessário que se encontrem algures no meio. Existem novas dinâmicas e códigos de conduta que devemos usar, até mesmo algum vocabulário e ética de trabalho que vamos construindo. Podemos materializar estas questões se propusermos diferentes tipos de valores em contratos ou acordos de parceira para além do direito de propriedade, da propriedade intelectual, das taxas e penalizações como por exemplo a reciprocidade, confiança, empatia, igualdade e reconhecimento.

Neste contexto, considera que extrapolamos muito a partir da cultura de Silicon Valey e esquecemos a perspetiva social e cultural europeia. Tempo houve em que não existia o mercado, os estados-nação, os governos e, como constructos humanos concordámos com eles. Estes constructos continuam extremamente relevantes, todavia, esquecemo-nos com frequência porque os criámos seguindo cegamente as suas regras sem nos questionarmos porque as criámos. Temos assim o mercado a conduzir a nossa sociedade, a tecnologia, os governos que são instrumentais para encontrarmos soluções e implementá-las mas que, julga Koen, não conseguirão encontrar as respostas por eles mesmos. Existe uma grande e dispersa comunidade criativa de base de pessoas que desenvolvem brilhantes ideias mas não conseguem chegar ao *establishment* que permita que as mesmas atinjam o seu alcance. Tudo aqui se resume às ligações, a encontrar o vocabulário adequado e a encontrar a via correta pela adoção de uma definição alargada de valor, pela criação de uma comunidade criativa de colisores, pela implementação de uma nova ética de trabalho percebendo que estamos apenas no início.

SESSÃO PARALELA

PROGRAMAÇÃO E GESTÃO CULTURAL

Esta sessão contou com a apresentação de três boas práticas, duas nacionais e uma internacional, que cruzam o universo da programação e gestão cultural e do serviço educativo em todas as dimensões do setor cultural e criativo, das artes performativas às visuais, passando também pelos media (cinema). Estas estruturas são a **Arte em Rede** (Santarém, Portugal), **Fundação Calouste Gulbenkian** (Lisboa, Portugal) e a **BJCEM – Biennale des Jeunes Créateurs de l'Europe et de la du Mediterranée** (Turim, Itália).

ARTE EM REDE[1]

Apresentação por Marta Martins - Diretora executiva

A Arte em Rede apresenta-se como um projeto de cooperação cultural num território que abrange 15 municípios cujos membros, cidades e vilas, se estendem por diversas escalas e geometrias. Trabalha a especificidade dos territórios através do apoio à criação artística, à programação cultural em rede, à qualificação e formação e às estratégias de mediação cultural. É uma estrutura criada em 2005, como uma Associação para a dinamização dos teatros da região de Lisboa e Vale do Tejo, desenvolvendo o seu trabalho ininterruptamente há já 12 anos. A programação em rede e a formação das equipas são as suas áreas fundamentais de intervenção.

Em 2015, após um alargado processo de reflexão estratégica que envolveu toda a rede, esta lançou um plano estratégico para 2015-2020, que veio alterar a Missão da Associação e a reposicionou como um projeto de cooperação cultural que visa o desenvolvimento dos territórios onde atua. Assim, uma rede de teatros passa a definir-se como uma rede de cidades ou de territórios. Neste âmbito, adotou como princípios ou palavras-chave a política, o território, a cooperação, o conhecimento, a sustentabilidade e as artes, dos quais derivaram 10 prioridades estratégicas e várias propostas de ação. Estes princípios determinam as opções de programação da Arte em Rede, no que respeita a conteúdos e metodologias de escolha de projetos.

Na sua dimensão política, enquanto rede de cidades, assume a centralidade da cultura nas políticas governativas. Para isso, é necessária uma visão forte que inclui a cultura numa política integrada de desenvolvimento dos territórios. Esta assunção, segundo Marta Martins, implica também novas formas de governação e de governança. Para além de retórica, esta visão da cultura tem de ser partilhada por todos os decisores políticos, de uma autarquia, de um governo ou de uma rede. Significa assim uma estratégia integrada, intersetorial e interlocal. O seu **Território** é diverso e estende-se entre as regiões Centro, Alentejo e Lisboa. Os seus principais fatores de natureza territorial compreendem a valorização dos seus recursos endógenos e adaptação às especificidades de cada território. Não têm a intensão de replicar projetos de modo discriminado pela rede, sendo a participação das equipas locais fundamental para

apurar em que moldes e que dinâmicas locais são importantes ter em conta para determinado projeto. A **Cooperação**, como âmago da Arte em Rede, desenvolve-se através da rede de cidades e territórios com escalas, geografias e características distintas, pela troca de experiências e aprendizagens e desafios globais à escala local (freguesias, municípios, instituições, intermunicipal, regional, inter-regional e nacional), com uma articulação e governança multinível: direção política, reuniões de programadores, reuniões gerais. Trata-se de um processo de construção participada da programação em rede com equilíbrio e partilha de poder. A programação é construída em proximidade com as equipas intermunicipais e a estas cabe a decisão final sobre os projetos que cabem nos seus territórios. O **Desenvolvimento** e a geração de conhecimento faz-se também através da qualificação dos profissionais de cultura, da diversificação de competências, pelo acompanhamento da evolução da rede - mediação cultural, cultura e desenvolvimento territorial, e pela aprendizagem informal e contínua - ciclos de encontros de programadores. O compromisso financeiro estável por parte dos seus membros, uma equipa de gestão qualificada e com diferentes competências, as oportunidades de cofinanciamento de projetos que correspondam também a prioridades da rede assim como o cofinanciamento que reconheça o valor e o potencial da mesma, são apresentados como fator de **Sustentabilidade**. As **Artes**, como área central de atuação, manifestam-se através da aposta em projetos plurianuais, intersetoriais e focados nos territórios e nas comunidades (arte e inclusão social, arte e turismo, arte e educação); Projetos que assentam na criação artística, em residências e na formação, em detrimento da circulação de espetáculos, através de estratégias de envolvimento e empoderamento das populações; Alargamento do raio de ação da rede e cooperação interinstitucional em estratégias de mediação cultural envolvendo também bibliotecas, museus, ação social e juventude assim como outras instituições que atuam nos territórios e não estão sob a tutela pública (associações, escolas, outras) e que contribuem para garantir a apropriação dos projetos pelo território.

A Arte em Rede desenvolve diferentes tipologias de projetos como o Odisseia (formação e capacitação artística), A *Manual on Work and Happiness* (cooperação europeia), Outros Centros – Manobras (Programação em rede, dinamização do património e promoção turística).

Trio "Outros Fados"

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN[2]

Apresentação por Susana Gomes da Silva – Coordenadora da equipa educativa

De acordo com Susana Gomes da Silva fazer e desenhar programação numa instituição como a Gulbenkian significa fazer muitas assunções sobre aquilo que poderá interessar a quem a faz e aos outros. Neste sentido, diz, programar não é mais do que decidir espaços de escolha. Este é um trabalho muitas vezes realizado num monólogo indireto, em que alguém decide e espera que outros aceitem a proposta feita. No serviço educativo da Fundação Gulbenkian têm vindo a caminhar para um modelo misto, no qual a programação é fruto daquilo em que acreditam, do património que têm para trabalhar, aquilo que vêm como potencial de trabalho pelo facto de se assumirem como um espaço cultural, artístico e educativo, no trabalho *com* e não simplesmente *para*.

Para Susana Gomes da Silva o trabalho de um programador é, também o de questionar o poder das palavras considerando que as mesmas não nomeiam realidades, antes, constroem-nas, e o léxico que optamos por utilizar é político no sentido em que desenha ideologias. Diz ainda que é justamente neste desenho de ideologias que nos devemos colocar e é isso que vê no trabalho de um programador. Este é assim um mediador, porque trabalha em espaços *entre*, entre a instituição e o público, entre os objetos e as ideias, entre pessoas, entre o material e o imaterial, entre….

Mediar, é assim estar entre, mas também criar experiências, que não existem enquanto o momento da mediação não existe. E esta existe, mesmo que não exista uma pessoa a fazer essa mediação, existe só porque há um espaço de encontro potencial entre um objeto e uma pessoa, entre uma ideia e um indivíduo.

Um dos principais objetivos é transformar o património da Gulbenkian (duas coleções, uma temporada de música com coro e orquestra, um jardim, um complexo arquitetónico), num trabalho de dilatação de momentos, que possa transformar uma visita numa experiência significativa e relevante para qualquer indivíduo, que possa perdurar no tempo e criar uma relação que se revisite muitas vezes. Todavia, não se restringe ao património identificado como tal mas a todo o seu potencial educativo. Urgia aqui trabalhar todo este potencial numa lógica

de transversalidade, de equipa e de rede. Dos quatro serviços educativos existentes, foi decidido, em 2008, criar uma plataforma (Plataforma Descobrir) que os colocasse a trabalhar em conjunto e definir um território e uma linha comum de orientação, definindo igualmente modelos de trabalho que pudessem ser mais participativos, quer internamente quer externamente.

Como ponto de partida, "os lugares de onde partimos são aqueles que temos sempre como ponto de referência. E o lugar de onde partimos é o lugar onde nos encontramos, onde enraizamos e onde crescemos". Este lugar encerra a noção de que a educação artística é transformadora, como ferramenta de intervenção na sociedade que implica pensamento crítico, que implica uma intervenção direta. Por isso não pode ser nem apolítica nem neutra. E é por isso que a falácia da cultura apolítica é perigosa e bloqueadora de ações de transformação. A educação por natureza é transformadora e talvez por isso seja quase sempre maltratada em quase todas as sociedades. A ferramenta da educação quando utilizada para transformar mentalidades e fazer-nos crescer, torna-se numa ferramenta de intervenção direta e efetiva, é revolucionária e implica mudar as premissas que nos foram dadas.

A Fundação Gulbenkian realiza, neste contexto, uma programação fixa (desenhada para 3, 6, 12 meses, consoante os públicos) que se traduz em visitas, oficinas, cursos, concertos, conversas, debates, encontros, em parcerias várias, podendo assumir e responder a formatos diferentes, ritmos diferentes, perfis diferentes sob pena de perder a relevância. Esta é uma programação com cerca de 70.000 participantes por ano, dos quais 50.000 em âmbito escolar para todos os níveis de ensino, para cerca de 3.000 eventos/ano. Esta programação assume como base o património fixo da Fundação, passível de trabalho consistente e continuado.

Desenvolve ainda um outro tipo de programação, que se dirige a comunidades e implica um trabalho muito mais continuado e mais invisível. A programação de projetos especiais, que respondem à agenda política atual, assumindo os problemas da sociedade atual como motes e temas para trabalhar (Ex: projeto de releituras da galeria de arte islâmica do museu, com a Comunidade Islâmica de Lisboa; projeto PARTIS – intervenção social e artística; projeto "O Nosso Km^2" relações de vizinhança com a população sénior). Outro exemplo é o Projeto "10 x 10", um projeto que fomenta a colaboração entre artistas e professores de diversas disciplinas do ensino secundário, com o objetivo de desenvolver estratégias de aprendizagem eficazes na captação de atenção, motivação e envolvimento dos alunos em sala de aula.

Em suma, "Programar não é apenas desenhar atividades que potenciem a criação de públicos para aquele espaço". A formação de públicos atualmente é quase sempre a formação de clientes, aqueles que vêm às estruturas culturais e que as mantêm sustentáveis. Formar públicos é, antes, formar pessoas informadas e capazes de tomar decisões. "Trabalhar em educação não é formar os públicos da nossa instituição é criar as ferramentas, criar os territórios e os espaços para que a cidadania se faça de forma crítica e ativa e que o poder de escolha seja efetivo".

BJCEM - BIENNALE DES JEUNES CRÉATEURS DE L'EUROPE ET DE LA MEDITERRANÉE[3]

Apresentação por Federica Candelaresi – Secretária Geral

A BJCEM é uma organização internacional sem fins lucrativos fundada em 2001 em Sarajevo com o objetivo de dar suporte institucional e uma estrutura de gestão organizada ao evento que lhe dá nome e é organizado desde 1985. Os principais objetivos da Associação são a criação de oportunidades de mobilidade, troca de experiências e aprendizagem para jovens criadores assim como o suportá-los na produção e mostra das suas obras. As atividades vão desde projetos de pesquisa, a residências, workshops e exposições. Como rede internacional independente, a BJCEM está aberta a todos aqueles que partilhem dos seus objetivos e interesses sem qualquer tipo de distinção cultural, religiosa, política, social ou moral. É composta por 59 membros de 21 países reunindo entidades públicas, departamentos de estado, fundações, municípios, associações independentes e instituições culturais. É membro da Fundação Anna Lindh e da Culture Action Europe Network. Está presente nos seguintes países: Albânia, Bósnia Herzegovina, Croácia, Chipre, Egito, França, Grécia, Itália, Líbano, Malta, Marrocos, Montenegro, Palestina, Portugal, República de San Marino, Sérvia, Eslovénia, Espanha, Tunísia, Turquia e Reino Unido. Coopera com parceiros externos na Austrália, Israel e Kosovo.

Segundo Federica Candelaresi, Secretária Geral da BJCEM, esta rede internacional organiza a Bienal de Jovens artista da Europa e do Mediterrâneo que junta centenas de jovens artistas numa diferente cidade da rede. Estes jovens talentos podem promover a sua arte em várias disciplinas como cinema, musica, gastronomia, artes visuais, teatro, dança e literatura.

Nos seus 30 anos de história a BJCEM promoveu 18 bienais que envolveram mais de 10.000 jovens criadores e mais de 700.000 visitantes: Barcelona (1985 e 1987), Tessalónica (1986), Bolonha (1988), Marselha (1990), Valência (1992), Lisboa (1994), Turim (1997), Roma (1999), Sarajevo (2001), Atenas (2003), Nápoles (2005), Puglia (2008), Escópia (2009), Tessalónica/Roma (2011), Ancona (2013), Milão (2015) e Tirana/Durres (2017).

SESSÃO PARALELA

INICIATIVAS MUNICIPAIS

Esta sessão contou com a representação de três municípios portugueses que, nos últimos anos, têm vindo a desenvolver projetos com impacto concreto na área da promoção da cultura e criatividades locais. Procurou aqui entender-se a forma como estes projetos foram pensados e implementados e os resultados que geraram ao nível dinamização e animação do território, da criação de públicos ou da economia (nomeadamente a associada aos impactos do turismo).

Foram assim apresentados os exemplos do município de S. João da Madeira, com o projeto "**Oliva Creative Factory**", do município de Setúbal, com o projeto "**Casa da Cultura de Setúbal**" e do município de Loulé, com o projeto "**Loulé Criativo**". Os três casos correspondem a iniciativas pensadas e mobilizadas pelos municípios, promovendo a participação de outras entidades, articulando-as com outros projetos (do município ou não), assumindo-se aqui a dimensão pública do investimento e a necessidade de cooperação para o desenvolvimento integrado dos territórios.

OLIVIA CREATIVE FACTORY[4]

Apresentação por Carla Relva - Técnica Superior

S. João da Madeira é uma cidade industrial e o município mais pequeno de Portugal, com muita dinâmica industrial mas poucos habitantes. Foi pioneira de parques industriais, sobretudo nas indústrias transformadoras (chapelaria, calçado, componentes automóveis, metalomecânica, etc). Falando com as empresas deste setor, a Câmara Municipal percebeu que devia apoiá-las nos seus processos de inovação. Neste contexto, foi criada a SANJOTEC, em 2008, que é uma incubadora de tecnologia, com o objetivo de dar apoio técnico e científico à comunidade empresarial local e regional e de ser um agente facilitador entre estas e os diversos parceiros regionais, como o próprio município, a Universidade de Aveiro, a Rede de Parques Tecnológicos, entre outros. Conta atualmente com 53 empresas instaladas. Posteriormente, em 2014, foi criada a Oliva Creative Factory (OCF), esta com o principal objetivo de atrair talento e artistas para a cidade fomentando, no contexto da SANJOTEC, a parte do empreendedorismo criativo. Ao provocar o encontro entre estas áreas, estar-se-ia assim a criar uma espécie de laboratório vivo. Para além disso, a Câmara Municipal apostou em simultâneo num projeto de turismo industrial (para promoção do conhecimento da indústria viva e dos museus existentes que espelham esta realidade).

A OCF surge na antiga Fábrica da Oliva 1925 (cuja produção mais emblemática foi a única máquina de costura portuguesa), fábrica esta que marcou de forma muito determinante toda a sociedade e economia da cidade e da região, com práticas de responsabilidade social visionárias para a época, gerando por si uma enorme coesão social em torno desta realidade fabril. Quando o município olhou para este edificado abandonado, procurou valorizar este contexto histórico, este património industrial e toda a sua envolvente. A OCF está focada nas áreas do Design (design de produto, design de moda), Arquitetura, Artes Performativas, Artes Visuais e algum Artesanato. Os serviços são partilhados com a SANJOTEC e para além disso, foram criados espaços para eventos e espaços para experimentação. Conta atualmente com 37 empresas. A OCF não é apenas uma incubadora de empresas, tendo agregado a esta função uma função de formação artística, um Museu de Arte Contemporânea, lojas comerciais e dinamizado uma Agenda Criativa, onde assenta a programação do espaço. A OCF trabalha para além disso com a associação juvenil Ecos Urbanos que desenvolve trabalho de formação artística com a comunidade.

CASA DA CULTURA DE SETÚBAL[5]

Apresentação por Ana José Carvalho, Chefe da divisão de Cultura da Câmara Municipal de Setúbal

Ana José Carvalho apresentou este projeto que começa a ser delineado em 2009 com conclusão em 2012 e foi desde o início pensado em parceria. O espaço é gerido pela autarquia mas várias entidades locais foram envolvidas desde o planeamento do espaço à definição da sua programação, que se pretende regular e diversificada. Esta coordenação de esforços e entidades é feita no Conselho Consultivo da Casa da Cultura que é o órgão que gere e programa todo o equipamento. Foi assim possível pensar um projeto de reabilitação do edifício e, simultaneamente, dar resposta a uma série de associações locais, que não tinham condições materiais ou de espaço para funcionar, propondo-lhes que passassem a funcionar ou a desenvolver parte das suas atividades na Casa da Cultura, gerindo e programando em conjunto com a autarquia.

Desde séc XVIII o edifício teve várias utilizações e nele funcionou o Círculo Cultural de Setúbal, de onde saíram várias iniciativas de resistência ao fascismo, muitas destas com o envolvimento de José Afonso. O valor histórico e cultural do espaço é enorme e a preservação dessa memória está inerente a toda a filosofia do espaço. A Casa da Cultura assume-se atualmente como um novo polo de concentração cultural e gerador de novas dinâmicas sociais, apresentando atividades de música, cinema, teatro, dança e fotografia, preservando uma ligação entre o passado e o presente. Para além de acolher e incentivar a criação artística (vinda de fora ou gerada no próprio espaço) a Casa da Cultura pretende igualmente pensar o território e o contexto local em que está inserida. Nela funciona um Centro de Documentação, Estudo e Promoção da Cantiga Popular Portuguesa (promovido pela Associação José Afonso) e um Centro de Documentação Local (promovido pelo Centro de Estudos Bocageanos), um Espaço das Artes (dinamizado pela Associação de Artistas Plásticos de Setúbal), uma Escola de Música (explorada pela Sociedade Musical Capricho Setubalense), um Salão Nobre, cuja reabilitação preservou os elementos originais, uma Galeria de Exposições, uma sala de ensaio e estúdio de gravações, espaços multiusos, zonas de lazer e restauração (jardim, Café das Artes).

LOULÉ CRIATIVO[6]

Apresentação por Carita Santos, responsável pela comunicação e divulgação da Câmara Municipal de Loulé

Loulé é o maior e mais populoso concelho do Algarve, marcado por um turismo de praia, sol e golfe, com grande capacidade hoteleira e bem infraestruturado. Tem um vasto património cultural, que movimenta também importantes fluxos turísticos. O município tem valorizado muito a produção artesanal do concelho, realizando muitos eventos para valorização do artesanato e tradições locais (feiras, festivais, mostras, etc). Este contexto fez com que o município se questionasse sobre a melhor forma de aproveitar esta dinâmica turística para gerar dinâmicas de desenvolvimento local e beneficiar toda a população do concelho. O projeto Loulé Criativo surge assim como resposta à necessidade de valorizar o território, assumindo a sua cultura e os saberes-fazer locais como recursos para a criação de emprego e para o desenvolvimento económico. Nesta perspetiva, o projeto promove uma série de experiências, workshops, formação, associados às artes e ofícios tradicionais que proporcionam ao visitante um contacto mais direto com a cultura local e com o património, envolve os artesãos (e dá-lhes retorno económico da sua participação) e permite por outro lado, quebrar a sazonalidade do turismo no concelho.

Loulé Criativo assenta numa série de valências, nomeadamente a formação e qualificação de artesãos e artistas que permita a passagem de conhecimento para as novas gerações; a realização de residências criativas; a incubação de empresas; a criação de uma rede local de turismo criativo. Estas intervenções permitiram revitalizar alguns dos ofícios que corriam risco de desaparecer, criar novos negócios na área do artesanato e gastronomia ou reabrir oficinas tradicionais que estavam encerradas.

A gestão da rede (agentes locais, artesãos, empresas e artistas) é assumida pelo município, que garante a articulação das diversas atividades, a sua promoção e divulgação junto dos mercados alvo.

8 JUNHO
ECOSSISTEMA CRIATIVO

Temas chave:

- Da noção de ecossistema criativo às dinâmicas regionais e transnacionais
- Interligar contextos de alta e baixa densidade: condicionalidades e potencialidades

Um Ecossistema é por definição um sistema formado por um conjunto de organismos vivos e pelo meio físico em que se relacionam. Neste painel procurámos trazer à discussão modos de interação entre contextos criativos de escalas distintas mas com interesses complementares, debatendo os conceitos, as dinâmicas e as suas interligações.

No âmbito deste painel, realizaram-se ainda 3 sessões paralelas:

Sessão paralela 1: **Dinâmicas de rede**
Apresentação e discussão de boas práticas internacionais de promoção do desenvolvimento cultural, das indústrias culturais e criativas e da produção artística contemporânea suportadas em lógicas de trabalho em rede.

Sessão paralela 2: **Plataformas artísticas**
Apresentação e discussão de boas práticas locais e internacionais de estruturas vocacionadas para o apoio e a promoção da produção artística tradicional e contemporânea.

Sessão paralela 3: **Gestão Musical, Cidade e Economia Criativa**
Desenvolvimento da relação entre a gestão musical, a cidade e a sua repercussão na economia criativa. Foi realizada em colaboração com EXIB Música – Expo Ibero-americana de Música.

PAINEL

ECOSSISTEMA CRIATIVO

Na primeira intervenção da manhã **António Pinto Ribeiro** começa por questionar a própria noção de ecossistema criativo, que induz à partida um erro de conceito. Este conceito baseia-se na ideia de que a produção cultural e a produção artística podem ser largamente desenvolvidas num processo laboratorial a partir de equações e variáveis pré-determinadas num ambiente "*save*" e limitado. Ora esta noção, contraria a lógica da produção cultural e artística, que não se conforma a resultados pré determinados mas antes decorre de legados, subjetividades e estados emocionais, fundamentais no processo de criação artística. *Indústrias criativas e start-ups* não são, como muitos argumentam, exemplos de modelos de criatividade do séc. XXI. Em Portugal, nomeadamente, estas têm sido apregoadas como soluções milagrosas para a criação de emprego e para o crescimento económico das cidades, ignorando-se que a maioria deste emprego é precário e que a criatividade é um atributo que muito ultrapassa o marketing político ou a atual lógica financeira, que exige disciplina, método, informação atualizada, crítica, debate, colaboração, condições profissionais e de produção e tempo, muito tempo. "A criatividade e a sua manifestação materializada exigem massa crítica substantiva, cidades de escala média ou grande, excelentes escolas de formação artística, científica e tecnológica, que são a base de recrutamento dos criadores, mobilidade e diversidade de população envolvida". Os números que se avançam na caraterização do setor cultural (entre 4% e 7% do PIB) e que servem de base à defesa do grande potencial económico do mesmo, na verdade escondem que parte substancial desta economia provém das telecomunicações, da indústria áudio-visual e das televisões. O sucesso das indústrias criativas é aqui medido apenas pelo sucesso do seu consumo, não pressupondo já a existência de público ou de utilizadores críticos, mas apenas uma massa anónima de consumidores globais.

> **"A criatividade é um atributo que muito ultrapassa o marketing político ou a atual lógica financeira, que exige disciplina, método, informação atualizada, crítica, debate, colaboração, condições profissionais e de produção e tempo, muito tempo."**
>
> *António Pinto Ribeiro*

Um outro aspeto elencado por António Pinto Ribeiro e que se constitui como obstáculo ao desenvolvimento dos ecossistemas criativos é a velocidade a que disparou a rede global e que impõe um tempo tecnológico que é o tempo do sucesso e do consumo, dessincronizado do tempo humano, que é um tempo mais lento e necessário aos processos criativos.

Por outro lado, aplicar atualmente o atributo "contemporâneo" à arte, gera equívocos. Hoje, qualquer ato, desde que realizado no campo artístico, é artístico. Desde comer, assistir a vernissages, frequentar bienais, etc, aparecendo aqui a arte contemporânea como categoria aglutinadora e homogénea, mais uma vez sob o chapéu da globalização, sem espaço para a crítica, ou para a estética.
Considerar a cultura como o quarto pilar do desenvolvimento, como aliás propõe a Agenda 21, implicará considerar a cultura como sistema de relações que implicam valores de liberdade, de democracia, do bem comum e de salvaguarda de direitos de todas as espécies.

Devemos assim equacionar o problema real do tema dos ecossistemas criativos, o que pretendemos quando queremos ativar a criatividade, com que padrões de exigência (globais, locais?), para que massa crítica, etc. "A premissa de que é possível criar um ecossistema criativo só o concebo, em parte, como um lugar de chegada e não como lugar de partida", entendendo-se aqui a necessidade de um percurso coordenado e crítico na sua conceção e não a partir de um padrão homogeneizador.

Concluindo, António Pinto Ribeiro propõe alguns pontos de partida nesta reflexão:

a) É fulcral desconstruir a ideia de desenvolvimento baseado no consumismo dentro do mercado capitalista e desconstruir a ideia de que a distribuição de riqueza, das possibilidades ou da realização pessoal, se faz do topo para a base.

"A premissa de que é possível criar um ecossistema criativo só o concebo, em parte, como um lugar de chegada e não como lugar de partida."

António Pinto Ribeiro

b) A paz universal é o objetivo e esta far-se-á através da interculturalidade como política de negociação cultural (e não como estado da situação) e de uma aproximação ao internaturalismo como forma de estímulo ao bem viver. Negociação em vez de consenso pois este permite que tudo seja fasquiado por baixo.
c) Tempo é uma categoria fundamental e uma urgência e bem necessário à vida.
d) É importante conciliar as tradições longas com as tradições curtas.
e) Temos que mudar o vocabulário do jargão financeiro e tecno-financeiro para um vocabulário indutor de outras possibilidades de viver e de criar.

Enrique Glockner, interveio em seguida, colocando a tónica da sua intervenção nas potencialidades dos ecossistemas criativos em comunidades pequenas, quer sejam urbanas ou rurais. Assumindo a Cultura como o 4º pilar do desenvolvimento sustentável e na mesma linha de pensamento de António Pinto Ribeiro (cultura como sistema de relações que implicam valores de liberdade, de democracia, do bem comum e de salvaguarda de direitos de todas as espécies), Enrique Glockner baseou-se em duas experiências ocorridas no México, uma no município de Chignahuapan (uma comunidade rural, de montanha) e no município de Mérida (uma área rural mas onde a maioria da população está concentrada em áreas urbanas). Ambas as experiências se basearam nos princípios da Agenda 21 para a Cultura, considerando, entre outros aspetos, que as Pessoas são o elemento mais dinâmico e complexo num ecossistema criativo, para além do *Espaço e da Economia*. Por isso, entender as tendências populacionais (em que a maioria da população se concentra nos centros urbanos), as tendências atuais do mercado de trabalho (com novas formas de trabalho e com perda do peso do setor agrícola, por exemplo), os recursos existentes ou os padrões de consumo vigentes, é fundamental no trabalho com as comunidades e na promoção do equilíbrio entre urbano e rural. A criatividade é um importante motor de desenvolvimento em ambos os contextos e traz impactos concretos e benefícios na vida das pessoas.

“As Pessoas são o elemento mais dinâmico e complexo num ecossistema criativo.”

Enrique Glockner

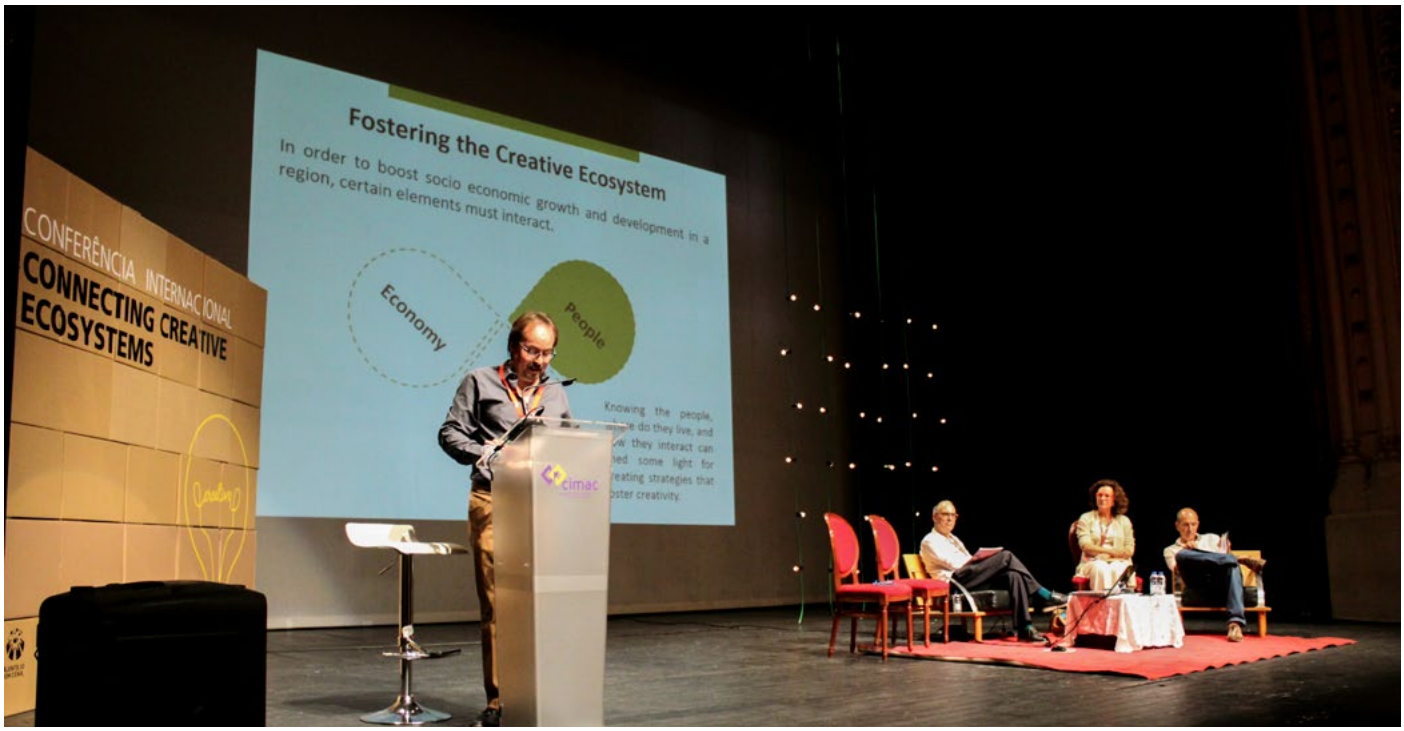
“Relacionar a criatividade com a cultura e com a economia, tornando o desenvolvimento não apenas sustentável mas também transformador.”

Enrique Glockner

Uma abordagem mais ecológica aos ecossistemas criativos considera fundamental a existência de Pessoas Criativas, de um Ambiente Criativo e de Projetos Criativos. No fundo trata-se de relacionar a criatividade com a cultura e com a economia, tornando o desenvolvimento não apenas sustentável mas também transformador.

No exemplo de Chignahuapan e após um diagnóstico sobre o seu valor natural, histórico e cultural, (numa comunidade jovem que se orgulha muito da sua herança natural), foram desenvolvidos diversos projetos baseados numa apropriação do património (cultural e natural) assente na abordagem cíclica conhecer-valorizar-proteger-apreciar-conhecer. Isso permitiu a esta comunidade valorizar economicamente o seu património (através do turismo, por exemplo) e ao mesmo tempo protegê-lo, compreendê-lo e relacioná-lo com outras comunidades que partilham o mesmo património.

No caso de Mérida, a abordagem passou essencialmente por práticas muito próximas das da responsabilidade social. No fundo, para combater a falta de fundos para a cultura, foi desenvolvida uma estratégia em que as empresas são convidadas a apoiar projetos culturais e criativos, recebendo depois um "selo" que é usado no seu marketing enquanto empresa local que apoia a cultura e as artes. Isto permitiu ligar empresas, artistas e municípios e diversos projetos que daqui resultaram trouxeram importantes benefícios não apenas económicos mas com impactos muito concretos e positivos na vida das pessoas.



"Uma pessoa sem cultura deseja apenas infraestruturas, cimento e o último modelo de telemóvel."

Enrique Glockner

Enrique Glockner apresentou depois o filme "*Cria Curevos*", realizado pela Casa da Cultura do Equador que assenta sobretudo na ideia de que o principal fator de transformação, de nós próprios ou do contexto que nos rodeia, é a cultura. "*Uma pessoa sem cultura deseja apenas infraestruturas, cimento e o último modelo de telemóvel.*"

Rui Horta, coreógrafo e fundador do Espaço do Tempo (um Centro Multidisciplinar de Experimentação Artística, em Montemor-o-Novo), assumiu-se como um "*fazedor*", procurando criar coisas que sejam estruturantes, num país onde a área da cultura não faz parte do discurso oficial ou político. E portanto o processo de criação implicará sempre uma atitude de resistência, ainda que seja fundamental manter uma perspetiva de horizonte e de sonho. Esta prática criativa implica questionar e numa fase em que saímos do período de ajustamento resultante da ação da Troika, onde o setor da cultura foi altamente penalizado, o questionamento que estruturas como o Espaço do Tempo fazem é enorme. Rio Horta considera que um ecossistema é um sistema múltiplo, onde vários fatores contribuem para o equilíbrio e quando falamos em zonas de baixa densidade e em ecossistemas que têm a criatividade no centro dos processos, encontramos várias questões, sobre as quais é preciso refletir. Desde logo a importância da massa crítica, da multiplicidade, de uma polinização, que em zonas de baixa densidade é difícil encontrar e gerar. E por isso um dos trabalhos mais importantes nesta área é juntar pessoas à mesa e discutir. E isso é difícil quando vivemos numa cultura de medo onde se constroem estratégias endógenas, voltadas para dentro, que não favorecem a comunicação. Em Montemor, por exemplo, há dezenas de associações, num verdadeiro ecossistema associativo, mas elas não comunicam entre si. Um dos objetivos do Espaço do Tempo é precisamente criar projetos que envolvam mais agentes do concelho e que quebrem esta atomização. Por outro lado, quando não há dinheiro para a cultura, os agentes económicos poderiam ter aqui um papel importante mas tal não ocorre. O mecenato ocorre apenas na esfera do Estado. O Estatuto de Superior Interesse Cultural atribuído ao Espaço do Tempo não lhe serviu para nada. E portanto, num meio pequeno, sem dinheiro, estes ecossistemas têm que procurar uma lógica de sustentabilidade económica, mais do que financeira. A troca de serviços ou bens têm-se revelado interessante e acaba por reforçar esta perspetiva relacional em que, por exemplo, um produtor oferece vinho ou contribui para a manutenção/conservação do espaço e em troca, usa o espaço para iniciativas próprias. Outro aspeto prende-se com facto das equipas que trabalham em associações como o Espaço do Tempo serem sobretudo voluntariosas, com um ritmo de trabalho que não se coaduna com semanas de 35 horas e que às vezes coloca em risco a vida familiar dos seus membros. Por isso é também fundamental organizar o trabalho das

> **"Num meio pequeno, sem dinheiro, estes ecossistemas têm que procurar uma lógica de sustentabilidade económica, mais do que financeira."**
>
> *Rui Horta*

equipas por forma a garantir equilíbrio entre este e esfera pessoal. Em comunidades pequenas torna-se fundamental, para além dos agentes económicos, o papel da Autarquia e sobretudo da Escola. E em relação à escola é preciso questionar o modelo escolar porque a escola está muito fechada, mais virada para os seus problemas como instituição do que para o ensino ou para estimular a aprendizagem pelas práticas, a cooperação, a criatividade, a curiosidade, a aventura, a crítica e a auto-crítica.

Refere ainda Rui Horta que o Espaço do Tempo segue uma série de linhas de orientação que passam por uma rigorosa autoavaliação; por estabelecer relações com a comunidade e com o território, numa escala de um para um (é tão importante uma reunião de pais como ir ao café e conversar com as pessoas); por partilhar recursos, num reforço que acaba por ser coletivo e beneficiar todos; por promover o pensamento, a crítica e a reflexão, voltadas para o contexto envolvente e quebrando o ritmo frenético em que hoje se vive. Qualquer associação que faz cultura tem que ter noção do seu impacto no contexto local. O mais importante quando existe um projeto numa comunidade é que ele faça sentido. No caso do Espaço do Tempo, a sua instalação em Montemor, muito questionada na altura, fazia sentido pela necessidade de criar um espaço de incubação de conteúdos, de residências, de experimentação, espaços que normalmente não existem em Portugal.

“Qualquer associação que faz cultura tem que ter noção do seu impacto no contexto local.”

Rui Horta

Paolo Costa, sociólogo italiano, trouxe-nos a sua experiência e perspetiva relativamente à importância das ciências sociais no planeamento e implementação de projetos, mais concretamente à necessidade de envolvimento das comunidades desde o início dos processos (diagnóstico ou mapeamento) até à sua concretização no terreno. Aliar a sociologia

à arquitetura ou ao design, por exemplo, é algo fundamental na articulação entre pessoas (destinatários finais dos projetos) e espaço (lugar onde os projetos vão acontecer). Contrapondo a uma abordagem top-down de planeamento, que ignora com frequência o contexto cultural do local onde vai ser implementado o projeto, Paolo Costa defende, em vez disso, uma abordagem participativa, desde a conceção da ideia à sua implementação que desta forma, gerará uma apropriação coletiva dos processos e dos projetos e, portanto, o seu sucesso. Esta abordagem far-se-á, de acordo com Paolo Costa, entre três eixos de planeamento participativo: um eixo que opõe identidade/conhecimento; um eixo que opõe passado/futuro e finalmente um eixo que opõe os recursos e energia dentro da comunidade/fora da comunidade. Ao longo de três exemplos concretos, foi possível perceber o enfoque dos processos ao longo de cada um destes três eixos.

O primeiro exemplo constou de um processo de planeamento urbano no Centro Histórico (CH) de Belém, na Palestina, cujo objetivo era criar regras que definissem o que pode ser alterado no CH e o que deve ser alvo de conservação, isto numa cidade com uma gestão relativamente informal. Em vez da mera criação de regras que são depois comunicadas aos habitantes, a equipa desenvolveu, numa primeira fase, uma metodologia participativa de mapeamento da comunidade na qual se procuraram as representações dos próprios habitantes sobre a sua própria comunidade e cidade. E decidiram fazê-lo com crianças (9 escolas), tendo-lhes feito uma pergunta muito simples: "O que é Belém para ti?" e depois tendo-lhes pedido que mapeassem essa ideia/representação. E neste processo de seleção, as crianças foram conhecendo a cidade e as pessoas, discutindo e debatendo ideias em grupo e criando uma visão partilhada sobre o que pensavam que deveria constar no mapa de Belém. Ora estes mapas produziram sobretudo uma série de efeitos de identidade, nomeadamente quando falamos da tomada de consciência das crianças (e partilha com outros) sobre o local que habitam. Por outro lado, as crianças estavam sobretudo a lidar com o passado e não a projetar o futuro (nesta fase, pelo menos) e finalmente estavam focados no interior da comunidade, considerando os recursos e energias da mesma.

> **"É preciso questionar o modelo escolar porque a escola está muito fechada, mais virada para os seus problemas como instituição do que para o ensino ou para estimular a aprendizagem pelas práticas, a cooperação, a criatividade, a curiosidade, a aventura, a crítica e a auto-crítica."**
>
> *Rui Horta*

Paolo Costa passou depois para outro exemplo, em Malta, numa vila piscatória (Marsaxlokk) que partilha origens fenícias com uma série de outras vilas piscatórias do mediterrâneo. O projeto consistia em ligar estas

vilas, colocando o património cultural no centro dos respetivos processos de regeneração urbana. A abordagem social aqui foi criar um workshop de Co-Design, neste caso para o desenvolvimento de uma estratégia de informação sobre os recursos culturais de Marsaxlokk, envolvendo arquitetos e habitantes da vila. Daqui resultaram uma série de propostas posteriormente questionadas, validadas ou ajustadas quer dentro do grupo, quer com o resto da comunidade. Neste caso e voltando aos 3 eixos, o Co-Design assentou sobretudo num reforço do conhecimento da realidade, com agregação de dados, numa projeção para o futuro, para o qual a estratégia se deveria dirigir e na utilização de recursos e energias exteriores à comunidade, nomeadamente prevendo o impacto do enorme fluxo de visitantes da vila.

Finalmente no exemplo de Altamura, em Itália, uma cidade caracterizada por muitos pátios, onde ocorre desde há séculos, grande parte da vida privada e pública da cidade. Recentemente a cidade é alvo de desertificação humana e com ela a perda de importância e dinamismo destes pátios. Interessava aqui criar estratégias de revitalização da cidade, mais uma vez, com o envolvimento das pessoas que a habitam. E mais uma vez, também envolvendo crianças, foi-lhes pedido que fotografassem a sua cidade e que explicassem depois porque tinham tirado aquelas fotografias. O resultado foi

“Participação pressupõe o envolvimento ativo das pessoas sobre as quais recairão os impactos dos projetos. Meros momentos consultivos não são processos participativos.”

Paolo Costa

exposto nas ruas, quase em formato de manifesto, funcionando como ponto de partida para debates alargados a toda a comunidade, para elaboração conjunta de relatórios, que envolveram as estruturas de decisão ao mesmo nível dos habitantes. Gerou naturalmente entusiasmo, discussão, crítica, num espírito construtivo e não depressivo. Neste caso de Altamura, esta metodologia explorou sobretudo os processos identitários (mais do que de compilação de dados), numa perspetiva de futuro com expectativa de inversão do processo de desertificação e baseado nos recursos e energia internos à comunidade.

Em síntese, participação pressupõe o envolvimento ativo das pessoas sobre as quais recairão os impactos dos projetos. Meros momentos consultivos não são processos participativos. É preciso estratégia e tempo para o processo e este é muitas vezes mais importante do que os seus resultados visíveis. Por outro lado, é preciso fomentar a curiosidade. Devemos ainda considerar a existência de diversos capitais sociais e não apenas um, no sentido em que podemos trabalhar com os sentidos de pertença e com o que une uma comunidade mas devemos também trabalhar as ligações entre diversos capitais sociais, entre realidades sociais diversas. Neste sentido, devemos também pensar em novas formas de criar ambientes de aprendizagem, baseados na curiosidade e na criatividade e pensar em processos de decisão que redefinam os papéis habituais. Finalmente temos que pensar em novas formas de avaliar os projetos e os processos, que não sejam obcecados pela quantificação. Em sociologia, há fenómenos sociais que não podem ser medidos quantitativamente. As metodologias participativas apresentadas são um exemplo desta abordagem e elas serão tanto mais eficazes quanto mais se adaptarem a cada realidade em que querem intervir.

“Devemos também pensar em novas formas de criar ambientes de aprendizagem, baseados na curiosidade e na criatividade e pensar em processos de decisão que redefinam os papéis habituais.”

Paolo Costa

Tiago Mota Saraiva introduziu a sua intervenção assumindo à partida uma enorme desconfiança pelo termo Indústrias Criativas, que nem sempre se refere a iniciativas interessantes (a algumas devemos mesmo opormo-nos). Preferível o termo Ecossistemas Criativos mas, no fundo, um ecossistema criativo será tudo e qualquer sítio onde hajam seres humanos, já que a criatividade é uma condição inerente ao ser humano. Contudo, a ação de poder sobre o ser humano, tem tentado ao longo das épocas, diminuir e controlar esta capacidade criativa. Baseado na experiência do coletivo AtelierMob (atelier e cooperativa de arquitetura que procura trabalhar com os 99%, sobretudo com pessoas que não têm acesso a serviços de arquitetura), Tiago Mota Saraiva apresentou o projeto de Marvila, que foi uma grande área operária da zona oriental de Lisboa, com importante património histórico e alta densidade de construção, mas que sofreu

entretanto um processo de degradação habitacional e desertificação populacional, agravado pelo facto de uma série de grandes investimentos previstos (viários, saúde, habitação) não terem sido concretizados, em resultado da recente crise. O AtelierMob desenvolveu para Marvila um projeto intervenção, no âmbito do programa da Câmara Municipal de Lisboa Bip-Zip, vocacionado para apoiar projetos que reforcem a coesão social e territorial em zonas e bairros de Lisboa.

A equipa começou recorrer aos instrumentos da arquitetura, mapeando as entidades culturais, o património público, a habitação, etc, associando a isso um processo de participação muito informal, estabelecendo contactos sobretudo com moradores mais interventivos e com encontros no café. Através desses contactos informais, a equipa foi percebendo uma expectativa muito negativa por parte dos habitantes do bairro, nomeadamente antecipando fenómenos de gentrificação ou especulação imobiliária que acabariam por os empurrar para outro sítio. O projeto teria assim que contribuir para a densificação populacional mas permitir que os seus habitantes continuassem a viver no bairro, recusando portanto processos de recomposição social. O Palácio Marquês de Abrantes tornou-se, de certa forma, um elemento unificador desta lógica, enquanto edifício histórico, estruturante na organização do bairro e muito valorizado pelos seus habitantes. Em torno das suas possibilidades de uso e das propostas para a sua reabilitação, a equipa foi envolvendo a população nas discussões, promoveu a realização de cinema no Palácio, fez reuniões semanais com os moradores para discussão e balanço dos projetos. Daqui resultaram projetos de arquitetura concretos (apresentados à Câmara Municipal de Lisboa) e propostas para a sua ocupação e utilização, que tivessem na base as necessidades e ideias dos habitantes, que promovessem alguma animação da zona e do comércio envolvente.

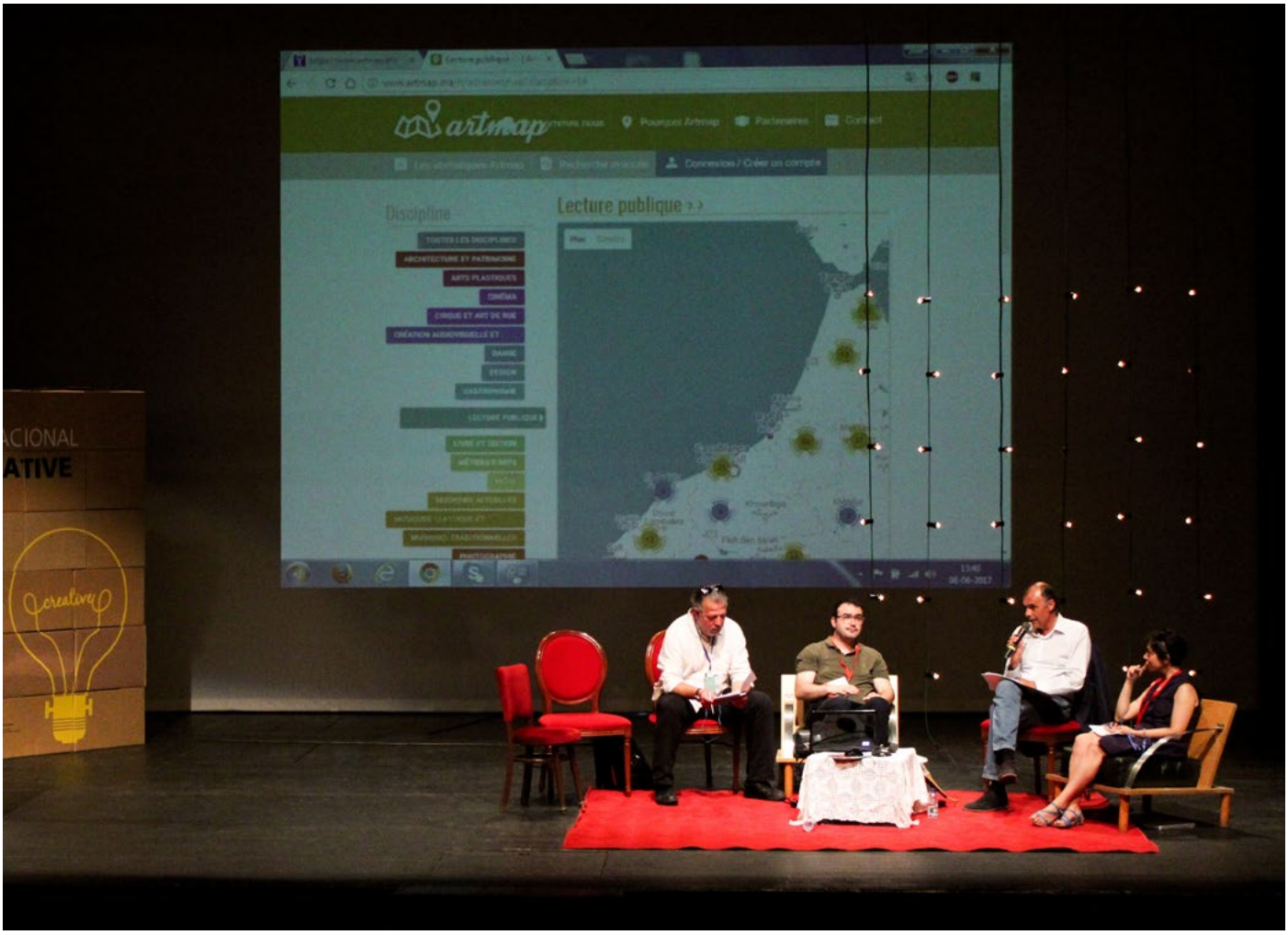
“A ação de poder sobre o ser humano, tem tentado ao longo das épocas, diminuir e controlar esta capacidade criativa.”

Tiago Mota Saraiva

SESSÃO PARALELA

DINÂMICAS DE REDE

Esta sessão contou a presentação e discussão de boas práticas internacionais de promoção do desenvolvimento cultural, das indústrias culturais e criativas e da produção artística contemporânea suportadas em lógicas de trabalho em rede em regiões de alta e baixa densidade. As estruturas representadas são a **FIBICC – Fundación Ibero-Americana de las Industrias Culturales y Creativas**, a **Racine – Association pour le dévelopment culturel au Maroc et en Afrique** e a **IETM – International network for contemporary performing arts.**



FIBICC - FUNDACIÓN IBERO-AMERICANA DE LAS INDUSTRIAS CULTURALES Y CREATIVAS[7]

Apresentação por Santiago Arroyo – Presidente

A Fundação foi criada em 2011, pois havia a necessidade de fazer face ao problema de quem queria desenvolver projetos culturais e não sabia onde se dirigir ou o que fazer, principalmente jovens que terminavam os seus estudos em artes. Está sedeada em Tomelloso (Ciudad Real, Espanha).

A Fundação inicia o seu trabalho num contexto de mudança do panorama económico, social e cultural aspirando a dar resposta à crescente importância das indústrias culturais e criativas no cenário económico global, fomentando a capacitação, a cooperação e a investigação no campo específico da cultura, da arte e da criatividade na Europa, Iberiamerica e África.

Apoiam todos aqueles que pretendem inovar no âmbito da cultura e da criatividade a nível internacional, desde empreendedores, gestores, criadores, programadores ou investigadores. Contribuem para a formação de melhores profissionais dentro do setor com colaboração de várias universidades e instituições académicas e realizam um constante trabalho de investigação e divulgação com o objetivo de consolidar e melhorar as práticas dentro do setor. Apostam na utilização de sistemas e programas de trabalho participativos, flexíveis e horizontais que permitam espaço para a experimentação, dentro de uma gestão transparente.

Consideram a cultura como a principal dimensão dos ecossistemas locais, e principal núcleo de desenvolvimento, trabalhando transversalmente para todas as faixas etárias, com a comunidade e entidades interessadas. O primeiro projeto da Fundação passou pela renovação de uma antiga fábrica de farinhas, numa comunidade de 6.500 pessoas, transformando-a num espaço cultural polivalente onde se integram a valorização e reconhecimento do património industrial com a criação cultural contemporânea, designado de La Harinera. Esta estrutura serve igualmente de incubadora para projetos de empreendedorismo nacionais e internacionais, para os quais foi também desenvolvido um guia de apoio. Desenvolvem também um festival e seminários práticos onde os jovens locais podem desenvolver as suas ideias ou projetos.

Segundo Santiago Arroyo, podemos desenvolver o nosso território trabalhando em conjunto e considera que o mais importante é ouvir e envolver até o mais pequeno pedaço da comunidade. Todos temos a ganhar quando cooperamos e trabalhamos em conjunto. Desenvolveram um comité com associações locais onde se discutem os problemas e se encontram soluções e trabalham sobre a música, o design, o património e, também, as novas tecnologias. Na sua abordagem sobre o património, numa outra pequena comunidade, procuram instalar numa antiga torre de destilação de álcool um centro cultural digital, denominada La Destiladora, situada num bairro difícil e desde o início a população foi escutada pois tinham muitas ideias e, tudo o que tinham que fazer, segundo Santiago, era ouvir.

A fundação desenvolve trabalho de cooperação sobretudo na America Latina e em Espanha.

Dinâmica participativa

Grupo "Tubando"

RACINES - ASSOCIATION POUR LE DÉVELOPMENT CULTUREL AU MARROC ET EN AFRQUE[8]

Apresentação por Aadel Essaadani – Coordenador Geral

Aadel apresenta o contexto marroquino onde o índice de iliteracia atinge os 50%, onde existe falta de democracia, falta de serviços públicos na educação, saúde, cultura, …. Trabalham com o tema da cultura, porque trabalhar com política não é eficiente. Já desenvolveram trabalho no campo económico mas, considera Aadel, não existir ainda um verdadeiro sistema de justiça social e equidade económica. Assim, o trabalho que desenvolvem tem que ver com a ligação das pessoas, aproximar as pessoas para trabalhar responsabilidade e cidadania. Trabalhar em conectividade, partilha de informação,

interesses e capacidades significa trabalhar a levar o governo marroquino a ser responsável (accountable) e fazer o seu trabalho, juntamente com a sociedade civil, para uma educação pública livre que prepare cidadãos e desenvolvam um raciocínio critico.

A Racines nasce, neste contexto, da vontade de atores culturais marroquinos, da sociedade civil, convencidos de que a problemática da cultura é comum aos países africanos: fraca implicação do Estado em termos de políticas culturais, não reconhecimento da cultura como um direito humano, fracas indústrias criativas, não proteção dos direitos dos artistas, insuficiente oferta de formação em matéria de cultura.

Neste sentido a Associação Racines milita, à escala nacional, regional, continental e internacional para a promoção do acesso à cultura para todos enquanto direito humano universal, para a promoção da cultura enquanto vetor da democracia e de desenvolvimento humano, económico e social, para advogar pela promoção da diversidade cultural, pela implementação de uma política cultural em Marrocos, por uma verdadeira economia da cultura e das industrias criativas viável para artistas e profissionais assim como por um estatuto dos artistas, pelos seus direitos e pela liberdade de expressão e criação.

Consequentemente, acompanha as iniciativas dos atores culturais e profissionais da cultura, públicos, privados ou académicos, pela construção e

desenvolvimento de redes de colaboração eficazes, através da recolha e divulgação de informação e documentação útil às organizações culturais, através da organização de debates sobre cultura, artes e indústrias criativas, ajudando a construir circuitos nacionais, regionais, continentais e internacionais como festivais e encontros que permitem difundir os bens e serviços cultuais marroquinos e africanos assim como as criações dos artistas. Contribuem também com ações de formação e de desenvolvimento dos recursos humanos nas matérias de cultura, melhorar as condições de trabalho pela defesa dos direitos dos artistas e profissionais da cultura.

Em suma, trabalham com decisores políticos e o governo como forma de fazer advocacia para avaliar políticas culturais e propor recomendações e, para partilhar informação uma vez que não existe um levantamento do que existe neste setor. Neste sentido realizaram uma base de dados e o mapeamento das estruturas culturais, espaços de criação, de formação e cada disciplina em Marrocos, designado de Artmap[9], que pode ajudar os decisores políticos a tomar decisões e ao mesmo tempo confere argumentos para a advogar pela cultura enquanto meio de desenvolvimento humano e social. Trabalham também para e com artistas e operadores culturais para criarem contextos de autonomia que lhes permitam trabalhar e criar produções para a população. Trabalham igualmente com a população, em espaço público, para fazer teatro e promover a interação.

IETM - INTERNACIONAL NETWORK FOR CONTEMPORARY PERFORMING ARTS[9]

Apresentação por Elena Di Federico – Gestora de projeto, pesquisa e publicações

A IETM é uma rede internacional com mais de 500 organizações de artes performativas de cerca de 50 países que trabalham as artes performativas contemporâneas por todo o mundo, fundada em 1981 e sedeada em Bruxelas. No âmbito da sua missão defendem o valor das artes e da cultura num mundo em mudança capacitando os profissionais das artes performativas através do acesso a conexões internacionais, conhecimento e a um dinâmico fórum de troca de experiências.

Os valores fundamentais da IETM ao longo da sua atividade mantiveram-se e são eles: igualdade (todos os elementos do seu ecossistema são tratados de igual forma, desde os decisores aos artistas); informalidade (processo de discussão informais e participados); curiosidade (especialmente quando se trabalha em contextos que se desconhecem) e solidariedade. As principais atividades que desenvolvem são a organização de reuniões (plenárias, satélite, caravana, one-day). As reuniões plenárias são a atividade principal e acontecem duas vezes por ano (primavera e outono) em diferentes cidades ao longo de 4 dias, com programa artístico incluído, para promover a discussão e o encontro informal entre as pessoas. Realizam diferentes tipos de publicações, oferecem oportunidades de desenvolvimento de carreira através de uma escola de verão e de um programa de intercâmbio de funcionários. Recolhem e distribuem informação através da sua página e redes sociais e envolvem-se em atividades de advocacia aos níveis nacional, europeu e internacional, em diferentes formas. Todas estas atividades são co-criadas em colaboração com os membros associados nos diversos países, respondendo às suas necessidades.

A IETM liga ecossistemas criativos permitindo aos profissionais das artes performativas, financiadores, decisores políticos, movimentos sociais e políticos, sindicatos, universidades, entre outros, encontrar-se e trocar experiências e discussões sobre tópicos relevantes. Para os próximos anos esta rede tem como agenda capacitar o setor, promover e facilitar uma justa mobilidade e cooperação internacional, construir uma base sólida e defender o papel das artes na sociedade. Procuram incorporar em todas as atividades uma forte agenda de igualdade, inclusão e diversidade relacionada com equilíbrio de género, diversidade étnica e incapacidade.

SESSÃO PARALELA

PLATAFORMAS ARTÍSTICAS

Sessão que contou com apresentação três estruturas (duas internacionais e uma nacional) vocacionadas para o apoio e a promoção da produção artística tradicional e contemporânea, constituindo-se como plataformas de encontro, experimentação artística, cruzamento de áreas e disciplinas, numa lógica de criação de massa crítica, de promoção da coesão social e regeneração urbana dos espaços em que atuam e sua envolvente.

Foram apresentados os exemplos da **AMI – Aide aux Musiques Innovatrices**, uma estrutura vinda de Marselha, no sul de França, das **Oficinas do Convento**, uma associação cultural de Montemor-o-Novo e da **Hallarna**, uma área criativa de Norrköping, na Suécia.

AMI - AIDE AUX MUSIQUES INNOVATRICES[11]

Apresentação por Elodie Le Breut - Diretora Executiva

A AMI é uma associação, fundada em 1985, em Marselha, que tem trabalhado em prol do desenvolvimento artístico, cultural, cívico e económico da área em que se insere. O direito à cultura, a liberdade de pensamento e a defesa da diversidade cultural são valores que têm pautado a ação desta associação.

A AMI assenta a sua filosofia e ação em três fatores: 1. Estética, "*incentivando a surpresa, a impertinência e a audácia*". Desenvolve neste âmbito o Festival Mimi, residências artísticas, eventos culturais e artísticos de pequena escala; 2. Práticas, "*apoiando práticas artísticas e musicais profissionais e amadoras*", através da disponibilização de estúdios de ensaios e espaços de experimentação; 3. Empreendorismo, "*possibilitando aos artistas locais tornarem-se autossuficientes e independentes, integrados em redes e ecossistemas culturais fiáveis*". A este nível desenvolveu serviços de incubação para empresas criativas e esquemas de apoio à sua atividade, do qual se destaca a plataforma Dynamo que apoia as iniciativas empresarias na área da cultura, em todo o seu ciclo de crescimento e desenvolvimento.

A AMI é uma das associações fundadoras da Friche La Belle de Mai (1992), empenhando-se ativamente em transformar o território de intervenção desta estrutura num território pela Arte.

A Friche La Belle de Mai ocupa uma antiga fábrica de tabaco em Marselha. Quando esta fábrica fechou (1990) o município convidou um coletivo de artistas para reconverter este espaço num espaço pluridisciplinar, dedicado às artes. Tal só foi possível através de um longo processo de mediação, uma vez que a primeira reação à utilização de um espaço visto como industrial e gerador de emprego, num espaço para artistas, não foi consensual, por parte da população da zona. Entretanto, outras associações, coletivos e artistas integraram o projeto e hoje ele constitui-se como um espaço de confluência de artistas e projetos artísticos, de experimentação, de intervenção social, de promoção do empreendorismo na área da cultura, de lazer, entre outros. Por estar situada na área mais pobre de Marselha com diversas problemáticas sociais e económicas, muito degradada do ponto de vista urbano, a Friche tem assumido um papel fundamental na implementação de projetos de promoção de uma cidadania ativa, sobretudo junto

da comunidade mais jovem, de combate à xenofobia e ao racismo, da promoção da igualdade no acesso à cultura, assumindo-se mais como um projeto de desenvolvimento local do que um projeto meramente artístico. Conta atualmente com 70 organizações, estúdios de gravação, restaurante, livraria, jardim de infância, incubadora para empresas culturais, espaço para exposições e eventos, jardins, etc. Ocorrem aqui 600 eventos culturais com 300.000 visitantes por ano.

Atualmente a Friche confronta-se com um processo de institucionalização, tendo o seu valor sido reconhecido ao nível das diversas estruturas de poder, o que acabou por impor algumas lógicas contrárias ao espírito criador do projeto, nomeadamente pela pressão para a realização de eventos. Trata-se agora de encontrar um equilíbrio que permita atingir resultados visíveis sem colocar em causa os processos, menos visíveis mas nos quais a AMI acredita residir a verdadeira chave para o desenvolvimento local.

Grupo "Seven Dixie"

Dinâmica participativa

Grupo "Tubando"

OFICINAS DO CONVENTO[12]

Apresentação por Tiago Fróis - Diretor

A Associação Oficina dos Convento, sediada em Montemor-o-Novo, foi criada por um grupo de artistas plásticos (1996) com o objetivo de promover atividades de investigação, divulgação, formação e produção na área das artes e da cultura e na defesa do património. Dedica-se essencialmente a apoiar artistas que pretendam desenvolver projetos, em diversas áreas, disponibilizando espaços, quer no Convento de S. Francisco (para ateliers e laboratórios), quer no Telheiro da Encosta do Castelo (para oficinas de cerâmica, projetos de investigação em cerâmica e tecnologias da terra). A associação disponibiliza igualmente equipamentos (de tipografia e serigrafia entre outros). É neste contexto assumida uma clara preocupação em repensar as condicionantes do lugar, para os converter em mais-valias culturais para o habitante da cidade, promovendo o desenvolvimento de parcerias, quer com os poderes públicos, quer privados, articulando artistas e comunidade, poder local e outros agentes culturais que também operam no concelho. A Associação está igualmente disponível para receber residências artísticas, propostas pelos próprios artistas, procurando aqui disponibilizar os espaços e recursos necessários para o desenvolvimento das mesmas.

A filosofia de ocupação do espaço acaba por ser muito flexível, sempre numa perspetiva de "porta aberta" e de promoção do encontro, acolhendo, para além das residências, exposições ou concertos, conversas, oficinas, festas, ensaios, etc. Há também um trabalho importante de pesquisa e criatividade tecnológica, aliando o moderno com o antigo e desenvolvendo instrumentos e soluções híbridas mas virtuosas. O trabalho assenta sobretudo no voluntariado dos seus membros. A associação procura igualmente intervir fora dos seus espaços, desenvolvendo neste sentido inúmeros projetos com a comunidade, quer de recuperação ou valorização do património (replicando técnicas tradicionais), com a preocupação de o devolver à cidade e às pessoas, quer de trabalho com as escolas, com a preocupação de levar às crianças e jovens inquietudes e sentido crítico.

Deste trabalho de coletivo têm também surgido novas organizações cuja ação se complementa com a das próprias oficinas e, nesta perspetiva, a

Associação acaba por ser embrião e catalisador de um ecossistema criativo que se vai alargando e que assenta sobretudo numa partilha dos equipamentos existentes. Refere Tiago Fróis que os ecossistemas criativos estão sempre integrados em macro-ecossistemas mais vastos e dependem muitas vezes de políticas favoráveis à sua perpetuação. O envolvimento da comunidade tornará esses ecossistemas mais estruturados mas também as políticas que a estes se direcionam. É assim inquestionável a necessidade de investimento público na cultura.

visista às Oficinas do Convento

HALLARNA - NORRKÖPING CREATIVE AREA[13]

Apresentação por Pelle Filipsson - Diretor

Hallarna é uma Área Criativa na cidade de sueca de Norrköping. Esta é uma cidade média, próxima de Estocolmo que foi em tempos uma das mais importantes zonas industriais da Suécia. Com um número elevado de antigas fábricas abandonadas, progressivamente foram crescendo uma série de projetos culturais e educativos que ocuparam esses espaços. Uma Orquestra Sinfónica Municipal, um Teatro Municipal, um Campus Universitário (10.000 estudantes), são exemplos destes projetos. Nos últimos anos houve igualmente um enorme investimento da indústria musical e cinematográfica, com disponibilização de estúdios, áreas para empresas de cinema, estúdios para pesquisa e investigação em novas técnicas de imagem.

Assim, nos últimos anos, Norrköping sofreu enormes transformações, passando de uma zona industrial para uma zona de cultura de educação. A Hallarna é uma associação independente, uma organização sem fins lucrativos, que ocupa também o espaço de uma antiga fábrica. Há uma pequena estrutura de gestão e conta com grupos e pessoas associados. Dispõe do seu próprio restaurante (cujo lucro é fundamental para a atividade de Hallarna), de vários palcos para concertos e para teatro, espaços ao ar livre para diversas atividades, uma galeria de arte, espaços multimédia e uma zona para incubação de empresas criativas, que conta atualmente com 31 empresas aí instaladas. Desenvolve muitos projetos com crianças e Pelle Filipsson acredita que este é o primeiro passo para os processos de desenvolvimento cultural e criativo que a Hallarna deseja. É aqui que a maioria das crianças da cidade assiste aos seus primeiros eventos culturais e é também aqui que regressam entretanto, já em idade escolar, para aprender a tocar, dançar ou simplesmente brincar. E serão estas crianças que mais tarde irão aqui organizar concertos, teatro, dança, exposições, etc e eventualmente alguns irão criar aqui o seu negócio na área criativa.

Hallarna assume igualmente uma responsabilidade social face ao território em que se encontra, procurando desenvolver projetos para desempregados, incentivar a participação das mulheres na música (não apenas como intérpretes mas como produtoras, engenheiras de som, gestoras etc), formação para apoio ao regresso ao mercado de trabalho (para recuperar hábitos ou conhecimento de pessoas que estiveram muito tempo

desempregadas), projetos para refugiados (cujo fluxo foi enorme nos últimos anos na Suécia) e atividades criativas para pessoas portadoras de deficiência.

O sucesso da Hallarna na cidade tem sido progressivo e foi preciso demonstrar resultados para contar com o apoio e envolvimento do município. Mas de facto, os resultados têm sido extraordinários, com muitos eventos de arte a ocorrer ao longo de todo o ano, muitos artistas, profissionais e amadores e empresas criativas a trabalhar em conjunto, uma área de negócios ligados às artes em expansão, com criação de emprego, muitos projetos de intervenção social. A relação com o poder local é muito fluída e permite à associação ser independente e trabalhar de forma rápida e não burocratizada. As rendas cobradas para utilização do espaço são muito baixas, o que incentiva a sua dinâmica. Há uma aposta numa programação diversificada, podendo ocorrer no mesmo espaço um concerto de Heavy Metal e, no dia seguinte, uma peça de teatro infantil.

Atualmente a associação procura antecipar alguns desafios, nomeadamente o de algum excesso de digitalização e utilização de tecnologias que tornam os indivíduos mais isolados e menos atentos ao mundo e à criatividade o que, a par da crescente robotização irá gerar enormes níveis de desemprego; alguma resistência por parte do poder político a um modo de fazer cultura independente e finalmente, o desafio de articular Hallarna com outros projetos internacionais, inspirar e ser inspirado por estes.

Dinâmica participativa

CONTRIBUTOS DA CIMAC

ENCERRAMENTO DA CONFERÊNCIA

O último painel da Conferência foi dedicado sobretudo ao trabalho que a CIMAC tem vindo a desenvolver na área da promoção da cultura e no reforço do ecossistema criativo sub-regional, na área do Alentejo Central.

Nos últimos anos, a CIMAC tem participado numa série de iniciativas e projetos de cooperação europeia que tiveram como mote a ideia de que a atividade artística e cultural são impulsionadores de desenvolvimento dos territórios e de inovação social. Estas experiências de cooperação territorial europeia levantaram também a necessidade de abordagens multidisciplinares e complementares aos níveis económico, social, local e global que permitam conectar as atividades culturais e criativas com o desenvolvimento territorial e social.

Por outro lado, a Estratégia Integrada de Desenvolvimento Territorial para o Alentejo Central 2014- 2020 defende, no seu domínio de intervenção "Coesão Social e Qualidade de Vida", que a melhoria do bem-estar das populações passará, entre outros aspetos, pela melhoria das condições geradoras de criatividade, conhecimento e inovação social. Neste sentido, a promoção de uma oferta cultural de qualidade, voltada para a formação de públicos e para a integração desta formação no sistema de ensino formal, bem como a promoção de lógicas de fruição integradas será também de incentivar neste domínio.

A dimensão de serviço público na produção cultural deve ser salvaguardada e a articulação institucional deve a este nível potenciar a animação cultural do território, a programação em rede e a promoção de uma oferta cultural acessível nos principais polos urbanos mas também nos espaços rurais.

A este nível importa sobretudo reforçar a cooperação institucional entre municípios e agentes culturais a uma escala intrarregional, tornando-se aqui fundamental o desenvolvimento de ações que visem o apoio à capacitação das entidades promotoras de atividades culturais e ações de dinamização de espaços para criação e experimentação de projetos culturais numa lógica de articulação de agentes e ideias.

É neste contexto que a CIMAC se propôs desenvolver junto dos agentes culturais uma **Plataforma Cultural e Criativa do Alentejo Central**[14], apresentada nesta sessão de encerramento, que pretende ser uma plataforma comum (virtual e física) que, de forma integrada, identifique, ligue e promova os diversos agentes culturais e criativos do Alentejo Central abrindo também espaço para soluções de mobilidade que promovam o seu encontro, a partilha de experiências, o trabalho em parceria, a formação e qualificação e a ligação ao exterior.

Este projeto parte do princípio que o contexto cultural e criativo deve ser entendido como um Ecossistema

Criativo, no qual os elementos que integram este ecossistema o fazem numa determinada área geográfica, estabelecem relações entre si mas também com o meio que os rodeia, numa constante interação.

Através da Plataforma procura assim mapear-se este ecossistema, identificar e caracterizar os seus elementos, quer sejam artistas, empresas criativas, equipamentos culturais de âmbito municipal (auditórios, bibliotecas, galerias, cine-teatros, museus, etc), estruturas de apoio ao setor criativo (escolas de artes, estúdios de ensaio e experimentação, incubadoras de empresas, etc) e disponibilizar uma agenda cultural de nível sub-regional. Os agentes culturais podem registar-se na Plataforma divulgando a sua atividade, portfólio, eventos e contactos.

O projeto pretende, a médio prazo, integrar indivíduos e organizações multidisciplinares e promover formas de articulação entre si; promover a utilização conjunta de equipamentos e serviços; promover a diversidade de ideias e valores, sem modelar ou circunscrever; informar e promover formas de financiamento diversificadas, não compartimentando o setor cultural e criativo como algo "isolado" no contexto humano e finalmente promover relações de longa duração, dentro do ecossistema.

Terminada a fase de teste (que decorreu de Janeiro a Junho 2017), a Plataforma está agora apta a ser usada, sendo que o envolvimento e contributo de todos os atores do ecossistema será fundamental na sua continuidade, melhoria e alargamento.

Por outro lado, a CIMAC tem igualmente procurado incrementar processos de cooperação e concertação institucional e de definição de estratégias intermunicipais para o desenvolvimento cultural do Alentejo Central, numa lógica integrada e enquadrando aquilo que são as preocupações e necessidades dos municípios que compõem a CIMAC.

Neste contexto, a Presidente da CIMAC, Hortênsia Menino, encerrou a Conferência apresentando o **Compromisso Cultural Alentejo Central**, que pretende ser um passo decisivo na construção de uma estratégia politica para a cultura e um "Ecossistema" promotor da criação cultural no Alentejo Central e cujo texto integral se disponibiliza como anexo a este documento.

ANEXO

COMPROMISSO CULTURAL ALENTEJO CENTRAL

Para uma estratégia politica para a cultura e um “Ecossistema” promotor da criação cultural no Alentejo Central.

A cooperação intermunicipal da área da Cultura, embora com sinais de formalização muito recentes, tem suscitado o interesse de uma parte significativa dos concelhos do Alentejo Central, justificando o envolvimento em alguns projeto (com financiamento externo) e a aproximação entre estruturas técnicas municipais.

O setor cultural convencionalmente associado às politicas públicas a nível municipal, abrange dimensões muito distintas – património cultural, imóvel, móvel e imaterial, expressões artísticas e produção contemporânea, elementos e manifestações de cultura tradicional, novas atividades ditas das indústrias criativas, espaços de convivialidade e de sociabilidade, redes de equipamentos municipais vocacionados para estas atividades, domínios de edição e comunicação municipal, programação de manifestações e eventos dentro do campo da animação cultural, recreativa e de lazer, promoção do turismo cultural e, de forma bastante complementar, a educação e formação.

Se esta extensão de domínios explica, de certa maneira, as dificuldades nos processos de cooperação e de partilha intermunicipal de serviços e de práticas no setor cultural, por outro lado acaba por ser favorável à promoção de iniciativas pluridisciplinares, com cruzamento de áreas, com a possibilidade de realização de projetos que assumem um caracter piloto e demonstrativo, complementando e enriquecendo assim a própria experiência de cooperação.

Neste sentido, também os equipamentos municipais de natureza cultural (monumentos, recintos de espetáculos, museus, jardins botânicos e aquários, galerias de arte…) complementam o vasto e rico património cultural que o Alentejo Central detém e que se constitui como verdadeiro polo de desenvolvimento cultural e atração turística, tornando clara a necessidade de implementação de projetos que evidenciem as características únicas e diferenciadoras deste património cultural no quadro regional e nacional e o projetem internacionalmente.

Por outro lado, as características do território dificultam a concretização de ações e resultados numa escala mais alargada, impondo por vezes, lógicas de atuação isoladas e uma dispersão de recursos da qual resultam impactos reduzidos e insustentáveis no tempo.

A CIMAC, no que se refere à perspetiva de intermunicipalidade para o setor da cultura através da integração e partilha de serviços municipais, encontra-se atualmente numa fase de amadurecimento de processos iniciais ou experimentais já concretizados ou em curso, como resultado de iniciativas de cooperação territorial europeia anteriores e, de forma mais clara, pelo processo de preparação da Estratégia Integrada para o Desenvolvimento Territorial – Alentejo Central 2020 e na construção do Pacto para o Desenvolvimento e Coesão Territorial (PDCT). Neste processo, ganhou corpo, há cerca de 2 anos, o Grupo de Trabalho Intermunicipal para a Cultura, que reúne técnicos e vereadores do setor da cultura da maioria dos municípios do Alentejo Central, em torno de 3 objetivos: 1) formular uma estratégia de desenvolvimento cultural para o setor, alicerçada, a curto prazo, em projetos inseridos no âmbito do PDCT, articulando as propostas e necessidades dos municípios; 2) aprofundar as possibilidades abertas pelos Fundos Europeus de Investimento para o período 2014-2020 e por outros programas e iniciativas em que a CIMAC participe ou se proponha participar; 3) reforçar o espaço de cooperação envolvendo de forma mais estável todos os municípios do Alentejo Central, reforçando a participação dos membros dos executivos municipais.

Neste contexto e, no âmbito das competências dos municípios e das comunidades intermunicipais, conforme Lei nº 75/2013 de 12 de Setembro, os municípios do Alentejo Central comprometem-se a:

i. Estabelecer uma estratégia de desenvolvimento cultural a médio prazo para o setor, articulando as necessidades e as propostas dos municípios;

ii. Promover o trabalho em rede, articulando recursos humanos e financeiros, equipamentos e programas culturais, por forma a combater o isolamento e criar escalas adequadas às iniciativas e ações;

iii. Estimular e qualificar a produção e animação cultural, nomeadamente, através da programação cultural em rede, contribuindo para valorizar a criatividade e o conhecimento;

iv. Identificar, ligar e promover os diversos agentes culturais e criativos do Alentejo Central, através de mecanismos integrados que promovam o encontro, a partilha de experiências, o trabalho em rede, a formação e qualificação e a ligação ao exterior;

v. Apoiar a capacitação das entidades promotoras de atividades culturais e a dinamização de espaços para criação e experimentação de projetos culturais numa lógica de articulação de agentes e iniciativas;

vi. Estimular a ligação com as instituições e entidades que realizam e apoiam a Investigação & Desenvolvimento (Educação, Investigação, Indústria)

vii. Apoiar a dinamização e criação de serviços educativos para a criação de públicos nos equipamentos culturais de gestão municipal.

Évora, 8 de Junho de 2017

A CIMAC – Comunidade Intermunicipal do Alentejo Central,

cimac
COMUNIDADE INTERMUNICIPAL DO ALENTEJO CENTRAL

As Câmaras Municipais de Alandroal, Arraiolos, Borba, Estremoz, Évora, Montemor-o-Novo, Mora, Mourão, Portel, Reguengos de Monsaraz, Redondo, Vendas Novas, Viana do Alentejo, Vila Viçosa.

VILA DO ALANDROAL · VILA DE ARRAIOLOS · MUNICÍPIO DE BORBA · ESTREMOZ · CIDADE DE MONTEMOR-O-NOVO · VILA DE MORA · MOURÃO · VILA DE PORTEL · REDONDO · MUNICÍPIO DE REGUENGOS DE MONSARAZ · CIDADE DE VENDAS NOVAS · VIANA DO ALENTEJO · VILA VIÇOSA

NOTAS

[1] ARTE EM REDE www.artemrede.pt

[2] FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN www.gulbenkian.pt/descobrir

[3] BJCEM - BIENNALE DES JEUNES CRÉATEURS DE L'EUROPE ET DE LA MEDITERRANÉE www.bjcem.org

[4] OLIVA CREATIVE FACTORY www.olivacreativefactory.com

[5] CASA DA CULTURA DE SETÚBAL www.casadacultura-setubal.pt

[6] LOULÉ CRIATIVO www.loulecriativo.pt

[7] FIBICC - FUNDACIÓN IBERO-AMERICANA DE LAS INDUSTRIAS CULTURALES Y CREATIVAS www.fibicc.org

[8] RACINES – ASSOCIATION POUR LE DÉVELOPMENT CULTUREL AU MAROC ET EN AFRIQUE www.racines.ma

[9] ARTMAP www.artmap.ma

[10] IETM – INTERNATIONAL NETWORK FOR CONTEMPORARY PERFORMING ARTS www.ietm.org

[11] AMI – AIDE AUX MUSIQUES INNOVATRICES www.amicentre.biz

[12] OFICINAS DO CONVENTO www.oficinasdoconvento.com

[13] HALLARNA – NORRKÖPING CREATIVE AREA www.hallarna.org

[14] PLATAFORMA CULTURAL E CRIATIVA DO ALENTEJO CENTRAL apps.cimac.pt/alentejocultural/Ecossistema.aspx
(URL provisório)

ALENTEJO EM CENA

cimac
COMUNIDADE INTERMUNICIPAL DO ALENTEJO CENTRAL

alentejo
Turismo do Alentejo · ERT

ALENTEJO 2020

PORTUGAL 2020

UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

WWW.CIMAC.PT/
CREATIVECONFERENCE